



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

**Faculdade de Filosofia e Ciências
Departamento de Ciência da Informação
Graduação em Biblioteconomia**

THIAGO FERREIRA DE OLIVEIRA

**DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO:
ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE SISTEMATIZAÇÃO
CONCEITUAL E TERMINOLÓGICA**

MARÍLIA
2021

THIAGO FERREIRA DE OLIVEIRA

**DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO:
ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE SISTEMATIZAÇÃO
CONCEITUAL E TERMINOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Biblioteconomia como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Orientador: Prof. Dr. Walter Moreira

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação.

MARÍLIA
2021

O48P

Oliveira, Thiago Ferreira de.

Dicionário de favelas Marielle Franco: análise e apresentação de um modelo de sistematização conceitual e terminológica / Thiago Ferreira de Oliveira, 2021.
73 p.

Orientador: Walter Moreira

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado – Biblioteconomia) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2021

1. Linguagem Documentária 2. Vocabulário Controlado. 3. Favelas. 4. Dicionário 5. Wiki. I. Título.

THIAGO FERREIRA DE OLIVEIRA

DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO:
ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE SISTEMATIZAÇÃO
CONCEITUAL E TERMINOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Biblioteconomia como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Orientador: Prof. Dr. Walter Moreira

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: _____
Profº Dr. Walter Moreira
Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus Marília

Membro Titular: _____
Profª Drª Rúbia Martins
Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus Marília

Membro Titular: _____
Profª Drª Mona Cleide Quirino da Silva Farias
Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus Marília

Marília, 23 de abril de 2021.

Dedico às mulheres e amores da minha vida:
à minha avó Carmelita e minha mãe, Lira.
E para todos os marginalizados e marginalizadas,
que sofrem diariamente pela ineficiência do Estado Brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos me soa como uma cerimônia de encerramento. É no fim de um ciclo, que se abre espaço para o novo. Mas me vem em mente, um caminho, aquele que eu percorri até estar aqui, escrevendo o resultado de meu exílio. Exílio esse, que, dentro do meu íntimo, forçou-me a vir para uma terra desconhecida, com tudo desconhecido. Eu tive medo, mas a minha direção estava certa, precisava romper com o ciclo de violências e faltas que todos os meus mais velhos, antepassados e até amigos, passaram, e tiveram como resultado, diversas faltas, sobretudo no que tange o acesso à educação libertadora. No meu primeiro dia de aula, coloquei a minha mochila nas costas e senti no rosto a brisa gelada que a cidade de Marília transmite em todas as manhãs; foi uma sensação única, pois eu havia entrado em uma universidade pública, conceituada, meu sonho de infância, ali, sendo realizado.

Agradeço a Deus, por me guiar para trilhar um caminho que mudaria toda uma trajetória, ao divino, ao céu, aos ventos, às águas. Agradeço a tudo aquilo que me faz de pé, e que atende minhas preces feitas no dia a dia. Agradeço à minha família, em especial à minha avó Carmelita e ao meu avô Petrucio, que infelizmente não conseguirá me ver formado com os próprios olhos, mas sei que em espírito, ele está muito orgulhoso. Vocês me ajudaram a chegar até aqui, não sou um saco de batatas, mas um homem formado e de caráter. Amarei vocês pela eternidade, por tudo o que fizeram e por todas as dores que um dia enfrentaram para alimentar a mim e meus irmãos.

Aos meus pais, Lira e Juscelino, foi necessário ter de sair dos braços de vocês, eu queria voar e nessa procura por um voo mais alto, descobri que vocês são as pessoas mais importantes da minha vida, minha mãe, por sempre acreditar no meu sonho e mesmo que sem entender muitas coisas, me demonstrou resiliência e me ofertou colo nos momentos em que eu precisei. Seu amor e alimento, obrigado por fazer o impossível para sempre me ver bem! Meu pai, obrigado por sempre acreditar no meu potencial, por termos conseguido nesta vida, conciliar os nossos processos, seu carinho é cura literal, minha criança interior hoje te ama e entende tudo o que Sr. quer dizer a ela, por tudo, lhe agradeço.

Ao meu irmão Sidney e à minha irmã Glória, por mais que tenhamos seguido caminhos distintos, os amo pela eternidade, os três sabem bem o que passamos, e este sonho realizado, dou de presente para vocês. Minhas sobrinhas, Maitê e Clarissa, ainda que não tenha conseguido acompanhar o começo dos passos de vocês por estar longe, o titio agradece por todos os abraços e carinhos que me alimentam de forma surreal, vocês me ensinam muito, e espero, que num futuro próximo, vocês possam trilhar caminhos que estejam de acordo com os sonhos de cada uma de vocês.

Agradeço a todos aqueles que cruzaram pelo meu caminho nesse trajeto, foram muitas. Mas algumas contribuíram de forma única para que esse processo fosse cumprido com garra e determinação, ainda que em alguns momentos, não tenha tido forças nenhuma. Minha psicóloga, Luciana Handa, você é um ser humano que sem dúvidas, levarei para a eternidade, por todos os colos e por todos os conselhos, as escutas, os perdões, os choros e risos, você foi e é fundamental para mim, sem o seu apoio não teria conseguido resolver metade das minhas metamorfoses, muito obrigado.

Minhas amigas Jéssica e Thaís, sem dúvidas, nós conseguimos cuidar um do outro, mesmo na distância ou quando estamos juntos, admiro MUITO nossas trajetórias, vocês são maravilhosas. Sandra e Paloma, obrigado por sempre me demonstrarem que viver vale a pena, por todas as conversas e momentos com vocês. Aos meus irmãos, Luan e Lucas, por sempre toparem os meus sonhos comigo e por me apoiarem nos momentos difíceis, nossas histórias se cruzaram e isso me fez ser mais feliz. Frank e Fabrícia, por sempre me receberem de braços abertos nas idas para SP, amo vocês e principalmente por me colocarem numa posição de família. E a todos aqueles que se fazem presente de alguma forma em minha vida, muito obrigado.

Agradeço a Universidade Estadual Paulista e principalmente a todos os seus colaboradores e colaboradoras. Ainda que ocorram todos os desmontes para impedir o incentivo da educação pública universitária brasileira, vocês persistem e fazem acontecer. Agradeço ao meu orientador, Dr. Walter Moreira, por me inspirar tanto e se mostrar humano diante tantas burocracias do cotidiano, você exala humildade e compreensão, sem dúvidas, ser professor é o seu dom. Agradeço ao Programa de Educação Tutorial de Biblioteconomia (PET Biblioteconomia) e à tutora Rúbia Martins, por se fazer presente em diversos momentos e se

preocupar tanto com os seus tutorados, auxiliando em absolutamente tudo, você é um exemplo de humanidade. A todos os membros nos três anos em que permaneci no grupo, por todas as nossas viagens, apresentações de trabalhos científicos, momentos de festa e ações sociais no interior paulista, o meu muito obrigado. Amanda Mendes, não me sentei à toa naquela mesa no primeiro dia de aula, obrigado por todos os abraços que curam e por todos os cafés, pães de queijos com café, conversas aleatórias e risos. Ao Alexandre e Caren, por serem meus amigos de coração, quero tê-los por perto sempre que possível. Ao Fogaça, por ser meu companheiro do apto. 404, por todos os momentos experienciados e por todas as discussões políticas e de coisas aleatórias.

Aos meus professores e professoras, todos aqueles que passaram por minha vida e contribuíram positivamente para o meu processo escolar. Em especial, ao professor César Altieri, que em suas aulas de história sempre me fazia aprender, e depois, por ser meu amigo, pai, apoiador de sonhos e discussões tão importantes e fundamentais, com sua frase marcante: “leões e tigres são fortes, mas lobos não vivem em circos” reconheço que hoje, somos uma alcateia. À Professora Lenice Luna, por me demonstrar que ser professora vai além de aplicar conceitos, por sempre me estimular a apoiar minha caminhada. A Carla Lucas, professora e amiga, por um dia me dizer para não deixar as oportunidades escaparem, esse conselho me fez estar aqui, escrevendo os agradecimentos. Ao Carlos Jonathan, por ser um amigo que me acompanha nos conselhos, sendo fonte de água viva e por demonstrar disposição para a me ajudar. Aos meus eternos mestres e mentores, o meu eterno obrigado.

Coloca-se aqui: um suspiro. Não foi uma tarefa fácil, foram vários desafios, momentos complexos, saí vivo e muito mais forte, convencido de que ter vivido isso me fez sair do casulo, preparado para alcançar uma águia no céu, sem ter a respiração comprometida. Isso significa que jamais devo desacreditar do meu potencial, sendo muito maior do que imaginei. Consegui... estou levando à minha onça nas costas, é um presente, uma conquista, um sonho, que levo para a minha comunidade como troféu.

MAS FÉ!
Fé em quem para rodovias e em quem queima cadeias
Fé em Deus e nas criança da favela. E nem precisa aplaudir que
isso aqui é só nosso ensaio.
Mas se hoje nós tá vivo agradece as Mães de Maio!
(Igor Chico)

RESUMO

O Dicionário de Favelas Marielle Franco é um site de cunho colaborativo, que surgiu através de uma iniciativa do Instituto Fiocruz - RJ, desenvolvido para o armazenamento de informações sobre os territórios favelados. O estudo teve por objetivo avaliar a estrutura conceitual da plataforma e mediante a análise propor a possibilidade de um modelo de sistematização conceitual e terminológica, utilizando os parâmetros da linguagem documentária e vocabulário controlado como métodos de padronização. Como objetivos específicos: trazer à tona os significados sobre favelas, desde a sua origem nominal quanto aos aspectos atuais; apresentar as dinâmicas teóricas sobre a organização e representação do conhecimento; buscar dados bibliográficos sobre os sistemas de organização do conhecimento e por conseguinte, levantar informações sobre a linguagem documentária, vocabulário controlado e tesouros; Mediante a coleta de um conjunto de verbetes, avaliar as possibilidades de melhorias no que tange os aspectos de classificação da informação. A abordagem metodológica deste estudo é qualitativa, do tipo descritiva e explicativa. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, o método da pesquisa terminológica e da análise facetada. Constatou-se que a partir dos desdobramentos apresentados na coleta de dados por meio das fichas terminológicas, há um caminho possível para a implementação de um modelo de sistematização conceitual e terminológica para a Wikifavelas, resultando em uma melhor classificação das informações propiciando uma recuperação informacional efetiva. O Dicionário de Favelas Marielle Franco dispõe de um acervo cultural riquíssimo sobre assuntos relacionados às favelas, sendo assim, mediante a grande quantidade informacional, os usos dos mecanismos apresentados neste trabalho tornam-se essenciais.

Palavras-chave: Linguagem Documentária. Vocabulário Controlado. Favelas. Dicionário. Wiki.

ABSTRACT

The Dicionário de Favelas Marielle Franco is a collaborative website that emerged through an initiative of the Fiocruz Institute - RJ, developed to store information about favela territories. The aim of the study was to evaluate the conceptual structure of the platform and, through analysis, propose the possibility of a conceptual and terminological systematisation model, using the parameters of documentary language and controlled vocabulary as standardisation methods. The specific objectives are: to bring to light the meanings of favelas, from their nominal origins to current aspects; to present the theoretical dynamics of the organisation and representation of knowledge; to search for bibliographic data on knowledge organisation systems and, consequently, to gather information on documentary language, controlled vocabulary and thesauruses; through the collection of a set of entries, to evaluate the possibilities for improvements in terms of information classification. The methodological approach of this study is qualitative, descriptive and explanatory. The methodology used was bibliographical research, the terminological research method and faceted analysis. It was found that, based on the developments presented in the data collection through the terminology sheets, there is a possible path to implementing a conceptual and terminological systematisation model for Wikifavelas, resulting in better classification of information and effective information retrieval. The Marielle Franco Favela Dictionary has an extremely rich cultural collection on subjects related to the favelas, so, given the large amount of information, the use of the mechanisms presented in this work becomes essential.

Keywords: Documentary Language. Controlled Vocabulary. Favelas. Dictionary. Wiki.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Marielle Franco em manifestação ao direito à cidade.....	16
Figura 2 - Página inicial do Dicionário de Favelas Marielle Franco	18
Figura 3 - Eixos de Análise e Categorias Temáticas	19
Figura 4 - Página inicial do sistema de busca.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Procedimentos metodológicos	17
2 WIKIFAVELAS – DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO	19
2.1 Wikifavelas – estrutura	21
2.2 Favelas.....	24
2.3 Wiki – definição e a construção colaborativa do conhecimento.....	29
3 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO	34
4 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	38
4.1 Linguagem documentária e vocabulário controlado	39
4.2 Classificação e Taxonomias.....	42
4.3 Tesouros	47
5 COLETA DE DADOS	53
5.1 Fichas de pesquisa terminológica – Linguagem Documentária	54
6 ANÁLISE DE RESULTADOS	59
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

No campo da ciência da informação em conjunto com a biblioteconomia, aspectos relacionados à informação e às diversas áreas do conhecimento são abordados justamente para contribuir e gerar um senso de funcionalidade e coerência para os mais variados veículos e mecanismos informacionais.

Este estudo tratará da Wikifavelas, o Dicionário de Favelas Marielle Franco (<https://wikifavelas.com.br>), que é uma plataforma digital de acesso livre e colaborativo com o foco em veiculação, preservação, produção, armazenamento de informações e produção de conhecimentos sobre os territórios de favelas e periferias. É uma ferramenta informacional tecnológica, fomentadora política e que oferece espaço aos marginalizados em suas produções do campo informacional e do conhecimento.

Todas as informações do Dicionário, estão relacionadas e classificadas através de seus eixos temáticos, representados através de uma nomenclatura estruturada, com verbetes que atribuem significados sobre as diversas realidades e condições sociais, culturais e sociológicas dos territórios de favelas. O dicionário enfatiza a importância de resguardar as memórias de um povo e constitucionalizar através da existência desse repositório, que as gerações presentes e futuras possam ter garantia de acesso sobre os teores produzidos na plataforma.

A construção desse acervo virtual ocorre através de colaborações de diversos participantes cadastrados, por meio de parcerias articuladas oriundas de universidades, população civil e de coletivos que permeiam os territórios favelados, informações essas que serão apresentadas posteriormente em um capítulo específico sobre a Wikifavelas. O nome atribuído envolve a luta de diversas lideranças comunitárias, representada com nome da ex-vereadora Marielle Franco, socióloga, política brasileira, ativista defensora das minorias e dos direitos humanos, que teve o seu direito de ir e vir interrompido de forma brutal, pois foi executada em março do ano de 2018, junto de seu motorista Anderson Gomes.

A Wikifavelas está em uma realidade tecnológica e de categoria colaborativa, sendo assim, Noronha e Moreira (2020, p.17) qualificam que “[...] os sistemas colaborativos ainda é um assunto de relevância para ser estudado, tanto pela ciência da informação, quanto pela ciência da computação [...] no movimento de produção de documentos transforma-se o cenário de indexação e recuperação”. Confirmando que

o campo de atuação da ciência da computação pode contribuir na organização e difusão desses espaços.

A partir do objeto pesquisado surge um questionamento: quais aparatos teóricos, estruturais e metodológicos existentes na ciência da informação podem contribuir de forma efetiva na elaboração de um modelo de sistematização conceitual como um caminho de melhoria no Dicionário de Favelas Marielle Franco?

Parte-se da hipótese de que a melhor forma de estruturar as informações elencadas em uma base de dados, tem por critério seguir aspectos conceituais e de estruturação relacionados à organização e à representação do conhecimento. É através do controle de vocabulário, bem como da elaboração de linguagens documentárias e de modelos especializados de classificação, que a informação será recuperada de forma efetiva por seu buscador.

Conforme menciona Davanzo (2016), a aplicabilidade de ferramentas nos ambientes digitais é de extrema relevância, pois devido à alta demanda informacional do contexto tecnológico atual, nos modos como os documentos informacionais são produzidos, organizados, disseminados e recuperados merecem atenção especializada. Nessa conjunção, a autora pontua que “os vocabulários controlados vêm somar ao processo de recuperação da informação, tornando esse processo eficiente devido ao uso de uma linguagem padronizada” (Davanzo, 2016, p. 17).

Para Font, Serra e Serra (2013), os sistemas colaborativos que deixam a critério do usuário as formas de indexação, fazem gerar um problema referente a ambiguidades de termos e sinônimos, inferindo na organização estruturada e na recuperação eficiente da informação. E ainda que esses sistemas colaborativos não apresentem um vocabulário controlado, a NISO dispõe de critérios avaliativos para saber se o ambiente navegado está sendo utilizado adequadamente pelos navegantes (SPITERI, 2007).

Justifica-se que há uma demanda de aspecto de atuação especializada, no qual o profissional bibliotecário em parceria com outras áreas relacionadas poderiam exercer um trabalho de mutualidade, a fim de sanar as lacunas e oportunizar a possível melhora do ambiente informacional. A fundamentação da escolha focou-se justamente no riquíssimo conteúdo produzido no contexto digital em questão.

O estudo tem por objetivo geral analisar a possibilidade de elaboração e aplicabilidade de um modelo de sistematização conceitual e terminológica, mediante as propostas teóricas apresentadas, para que através da linguagem documentária e

do vocabulário controlado, utilizados como ferramentas de padronização e controle terminológico, possam auxiliar os usuários na localização das informações de forma consistente. Para tanto, como objetivos específicos apresentam-se:

- Analisar o Dicionário de Favelas Marielle Franco – Wikifavelas, os aspectos de sua estrutura e do sistema utilizado, bem como trazer alguns aspectos teóricos referente aos significados dado às favelas;
- Discorrer teoricamente sobre a conceitualização da organização e representação do conhecimento na dinâmica social;
- Abordar de forma conceitual e introdutória os sistemas de organização do conhecimento e posteriormente, apresentar os conceitos de linguagem documentária, vocabulário controlado e tesouros;
- Coletar um conjunto de termos elencados através do modelo de ficha terminológica, analisá-los e posteriormente, demonstrar um possível caminho para classificar os verbetes da Wikifavelas;

Mediante alguns aspectos analisados, denota-se que a participação de um profissional bibliotecário faz-se totalmente necessária. Tanto para situar as interpretações conceituais na organização e representação da informação, bem como para viabilizar processos técnicos e do uso de ferramentas que auxiliem na consolidação de um sistema informacional que garanta o acesso, a disseminação e a recuperação da informação para os sujeitos que irão acessar.

Este projeto insere-se na linha de pesquisa referente à Produção e Organização da Informação, no tema de instrumentos e organização da informação do Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp de Marília.

O trabalho inicia-se com um capítulo que introduz os leitores ao Dicionário de Favelas Marielle Franco – Wikifavelas, explorando a sua origem e definição. Ademais, contém uma subseção que refere à estrutura do Dicionário e quais as relações sociais e institucionais que o mesmo estabelece. Há outra subseção, conceitualizando os territórios de favelas e suas dinâmicas históricas e estruturais. Encerra-se, então, com a apresentação da ferramenta que a Wikifavelas utiliza para elencar, armazenar e recuperar as informações atribuídas ao contexto. O segundo capítulo traz de forma

introdutória os conceitos sobre a organização e representação do conhecimento, seguido de um subcapítulo sobre a organização social do conhecimento. O capítulo quarto fundamenta os sistemas de organização do conhecimento, em seguida, traz os conceitos sobre linguagem documental e vocabulário controlado, bem como os assuntos relacionados à classificação e taxonomia, encerra-se com uma apresentação sobre tesouros. No capítulo quinto, encontra-se a coleta de dados e os modelos de fichas de pesquisa terminológica. A análise dos dados coletados a fim de estabelecer os resultados do trabalho encontra-se no sexto capítulo.

1.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, descritiva e explicativa. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho é a pesquisa bibliográfica, o método da pesquisa terminológica e da análise facetada.

A pesquisa qualitativa possui algumas características, dadas através de um cunho empirista, de subjetividade e de envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p.14). Para Silveira e Córdova (2009, p. 31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”.

Na dinâmica conceitual da pesquisa descritiva, o autor do estudo necessitará levantar uma série de informações sobre o objeto a ser investigado. Esse tipo de estudo descreve fatos e fenômenos acerca de uma dada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Severino (2007, p. 123) define o sentido da pesquisa explicativa como aquela que “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da explicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos”. Gil (2007, p. 43) complementa que a pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra de cunho descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que no objeto haja suficiência na descrição e detalhamentos.

De acordo com Rampazzo (2005, p. 54) “[...] a pesquisa bibliográfica pode ser realizada independentemente, ou como parte de outros tipos de pesquisa”. A pesquisa científica, em todos os seus âmbitos, precisa elaborar uma pesquisa bibliográfica para um levantamento do assunto pautado, direcionando as informações na fundamentação teórica e limitações do estudo.

Para a definição conceitual de pesquisa bibliográfica, Gil (2007, p. 44) atribui que “[...] os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”, mediante esse conceito, Fonseca (2002) acrescenta que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

O método da pesquisa terminológica para a elaboração de linguagem documentária apresentada é defendida por Cervantes, Fujita e Nardi (2003) que visa a identificar e confirmar termos de uma determinada realidade para a construção de uma linguagem documentária. Através da aplicabilidade do protocolo verbal utilizado como ferramenta de mediação na coleta de dados, oferece sentido de compreensão na identificação e confirmação dos termos de uma realidade específica.

Quanto ao método da análise facetada, para Broughton (2006) este modelo de classificação justifica-se em métodos para uma melhor organização e recuperação informacional. Objetiva-se que mediante a implementação de uma descrição adequada no ambiente digital, seja no processo de rotulagem da informação, nos sistemas de busca ou na própria navegação, resulta em um senso de qualidade na apresentação final dos resultados.

2 WIKIFAVELAS – DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO

O Dicionário de Favelas Marielle Franco (<https://wikifavelas.com.br>) é um projeto financiado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), lançado em março do ano de 2019, um ano após a morte de Marielle, na Biblioteca de Manguinhos – Campus da Fiocruz no Rio de Janeiro.

De modo introdutório, de acordo com as informações disponibilizadas na plataforma, a Wikifavelas visa a estimular e garantir o acesso público sobre as produções de conhecimentos nas favelas de forma irrestrita e colaborativa. A partir dessa dinâmica, produtores orgânicos sobre o conhecimento dos territórios de favelas, tornam-se protagonistas de suas próprias vivências e dão sentido histórico ao registrar os acontecimentos e fenômenos que ocorrem nas realidades faveladas.

Para esclarecer o conceito do Dicionário, de acordo com Gargano e Fornazin (2019, p. 77) é “[...] uma plataforma virtual para a produção coletiva e busca suprir uma lacuna do conhecimento transdisciplinar que é o estudo de favelas, reunindo o conhecimento produzido em vários eixos temáticos”.

A plataforma põe à disposição conhecimentos sobre os territórios de favelas, elaborados através dos verbetes de forma colaborativa e gerido por uma equipe editorial, classificado em uma estrutura pré disposta em alguns temas.

Os autores ressaltam mediante um estudo de caso que os colaboradores são baseados em dois grupos: lideranças sociais e de acadêmicos; ambos atuam com questões, pesquisas e assuntos relacionados às favelas. O interesse na participação dos colaboradores na plataforma visa, justamente, ampliar a visibilidade sobre a riqueza histórica, cultural e social como uma forma de denunciar as faltas sofridas no cotidiano (GARGANO; FORNAZIN, 2019).

A conjuntura das informações que elabora o conhecimento sobre o tema abordado constitui-se através de verbetes, que são elaborados de modo colaborativo pelos usuários cadastrados na plataforma. Na data de seu lançamento, em Março do ano de 2019, havia um número de 140 verbetes elaborados (GARGANO; FORNAZIN, 2019), desde a última verificação para a atribuição deste trabalho, no mês de Fevereiro de 2021, haviam 2.704 páginas e 697 verbetes no Dicionário de Favelas.

O nome do dicionário surge como um ato de memória à ex vereadora Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, mulher preta, mãe, lésbica,

favelada, socióloga e política brasileira, que foi executada brutalmente no dia 14 de março do ano de 2018 com a idade de 38 anos, na cidade do Rio de Janeiro, junto de seu motorista, Anderson Pedro Gomes, aos 39 anos de idade (ROCHA, 2019). À assessora da deputada, Fernanda Chaves, também foi atingida pelos disparos sendo a única sobrevivente do ocorrido.

Figura 1 – Marielle Franco em manifestação ao direito à cidade



Fonte: Reprodução Mídia NINJA, 2018.

Marielle em sua dissertação de mestrado “UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”, defendida no ano de 2016 para a obtenção do título de Mestre em Administração, traz à tona discussões sobre os moradores de favelas, as raízes que fundamentam a submissão dos indivíduos que ali habitam por motivação da existência de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), as influências e resultados sociais. Pontua, ainda, sobre as características de Estado Penal, referente ao Estado do Rio de Janeiro:

A política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro mantém as características de Estado Penal segundo Loic Wacquant. Os elementos centrais dessa constatação estão nas bases da ação militarizada da polícia, na repressão dos moradores, na inexistência da constituição de direitos e nas remoções para territórios periféricos da cidade (o que acontece em vários casos). Ou seja, a continuidade de uma lógica racista de ocupação dos presídios por negros e pobres, adicionada do elemento de descartar uma parte da população ao direito da cidade, continua marcando a segurança pública com o advento das UPPs. Elementos esses que são centrais para a relação entre

Estado Penal e a polícia de segurança em curso no Rio de Janeiro. (SILVA, 2014, p. 126)

No desenvolver da dissertação, Marielle apresenta uma alternativa de segurança pública que tem por motivação considerar a vida e a cidadania dos favelados; ainda discorre sobre o debate da desmilitarização da Polícia Militar, propondo a construção de institutos policiais que obtivessem a participação dos civis, sobretudo os moradores de favela, que são excluídos sistematicamente dos debates. Após o seu assassinato, mediante revolta e indignação, milhares de pessoas exigiram nas ruas de vários lugares do mundo justiça pelo ocorrido (ROCHA, 2019).

Através de um texto-poesia com autoria de Carmo (2018, p. 216) de publicação da Revista Docência e Cibercultura, intitulado “Sou Franco, Marielle Franco”:

Sou Franco, Marielle Franco. Negra, tatuagem na pele e na alma; marcas de açoites e de traumas; da Maré que não tá pra peixe nem pra sereia; ao léu, mas não alheia; que vê abuso de PM e denuncia; garotos na vala casa vazia; boca no trombone, cartaz papel pardo sem celofane; intervenção no Rio; arregalo, arrepio; me espanto, sou Franco, mas não fico no canto; com lisura, vejo esboço de ditadura; assumo relatoria da comissão; que acompanha a marcha de então; militar não ama, reclama sem brevidade, vê nova comissão da verdade; quer atrocidade sem visibilidade; intervenção enxerga além, mas não enxerga a bala que vem; não enxerga bala que veio, que me acertou em cheio; sofro execução. (CARMO, 2018, p. 126)

Desse modo, o Dicionário efetiva-se como uma ferramenta de comunicação, informação e educação. Sua existência possui extrema importância, pois, através do processo cognitivo humano em contato com os verbetes elaborados e permeados de conceitos, elabora-se a apropriação do conhecimento, das lutas e da difusão da memória das favelas.

2.1 Wikifavelas – estrutura

A pesquisa concentra-se no objeto de pesquisa, a plataforma do Dicionário de Favelas Marielle Franco, a Wikifavelas. Inicialmente, a página central do Dicionário de Favelas Marielle Franco, a Wikifavelas, estabelece alguns links que direcionam o usuário para a experiência de acesso; constam informações sobre: “Dicionário”,

“Projeto”, “Verbetes” e “Instituições”. Abaixo, a representação da página inicial da plataforma Wikifavelas, o Dicionário de Favelas Marielle Franco:

Figura 2- Página inicial do site Dicionário de Favelas Marielle Franco – Wikifavelas



Fonte: Dicionário de Favelas Marielle Franco², 2020.

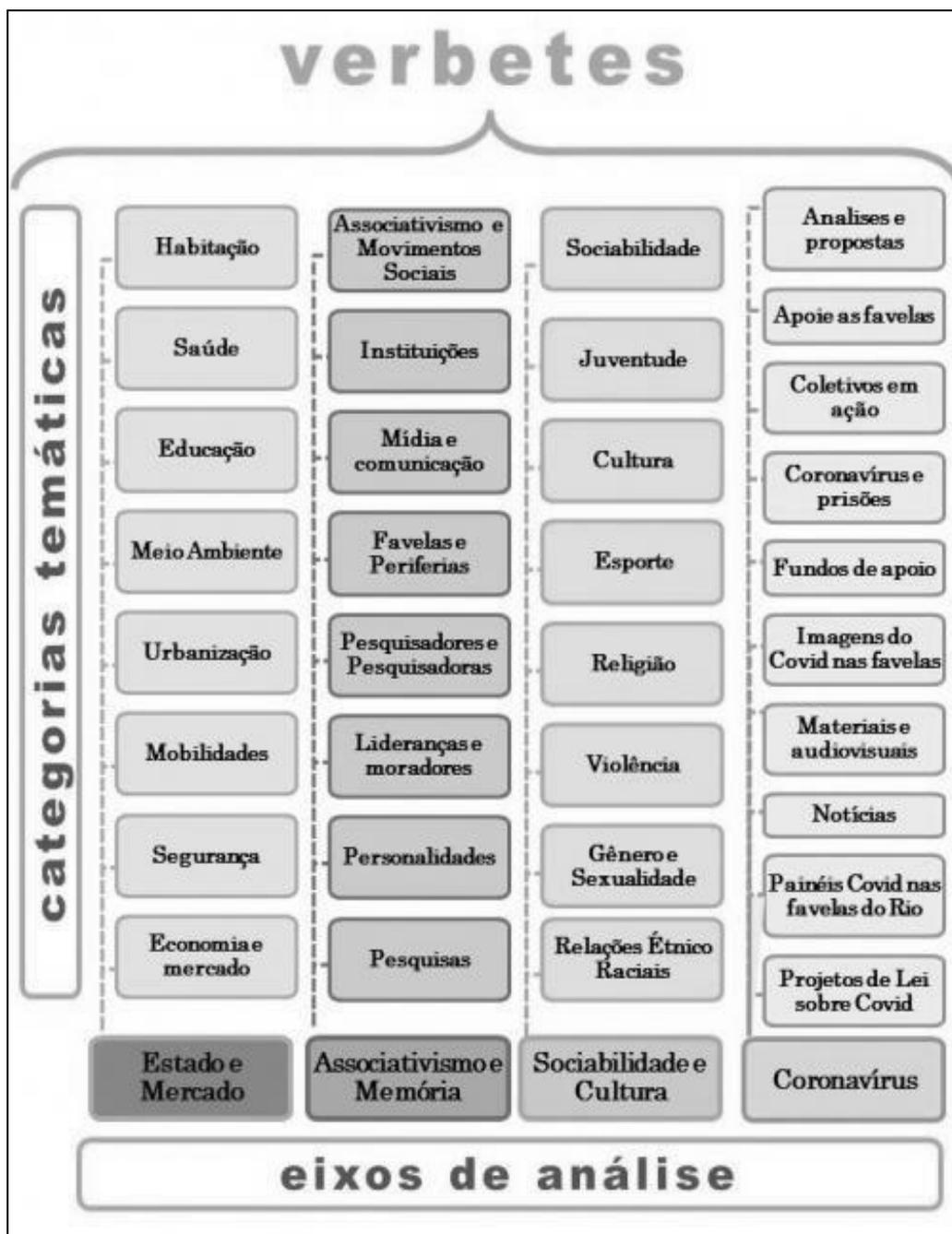
No link de acesso “Dicionário”, o usuário é direcionado para uma área destinada aos conteúdos da plataforma, dispondo de um modelo de barra de busca para a pesquisa e recuperação dos termos atribuídos.

No campo “Projeto”, o website apresenta às agências de fomento que apoiam e financiam o projeto, destacando o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); há um campo de redirecionamento intitulado “como participar do projeto”, nisso os desenvolvedores explanam quatro formas principais para contribuir com a plataforma, sendo elas: 1) criando um verbete, 2) editando um verbete, 3) discutindo um verbete e 4) divulgando a plataforma.

Na área de redirecionamento atribuída como “Verbetes”, introduzem características sobre os próprios, como: a composição do Dicionário através de textos autorais (uma média de 4000 palavras), possibilitando a inclusão de produções audiovisuais, fotografias e poesias na formatação de verbetes. Para elaborar, anteriormente faz-se necessário inscrever-se na base e tornar-se usuário.

A organização e os conceitos do Dicionário de Favelas Marielle Franco (Wikifavelas) apresenta-se por eixos de análise, sendo: Sociabilidade e Cultura; Estado e Mercado; Associativismo e Memória e Coronavírus nas Favelas. De modo geral, cada eixo de análise possui uma conjunção de categorias temáticas, resultando o corpo total dos verbetes, como demonstrado em seguida:

Figura 3 - Eixos de Análise e Categorias Temáticas do Dicionário de Favelas Marielle Franco



Para além dos eixos de análises existentes, eles possuem subcategorias temáticas agrupadas e servem para o processo de indexação dos conteúdos de interesse do usuário, possibilitando a demonstração de abrangência dos processos de análises. Neste enredo, há um campo que direciona para as “palavras-chave” da plataforma e mediante o processo de inclusão de um verbete, o autor poderá definir expressões consideradas como importantes para recuperar e facilitar a conexão do documento com outros assuntos compatíveis.

Ademais, o campo voltado para as Instituições refere-se ao Conselho Editorial da plataforma. Composto por diversas representações institucionais e sociais, cuidam da editoração e diálogo ativo para possibilitar novas parcerias. Como composição, apresentam algumas organizações, sendo elas: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (CEVIS), Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), Centro de Estudos e Ações Culturais e de Cidadania (CEACC), Grupo Eco Santa Marta, Instituto Raízes em Movimento, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde e a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); outras instituições, bem como grupos de pesquisadores participam e contribuem com o Dicionário de modo direto e indireto.

A plataforma em questão, o Dicionário de Favelas, possui características de uma estrutura tecnológica informacional elaborada, que resguarda informações e conhecimentos essenciais para as memórias de diversas populações e realidades periféricas. Visando a preservação e uma maior facilidade na recuperação informacional, faz-se necessário refletir um modelo de linguagem documentária e vocabulário controlado apropriados e compatíveis com a realidade imersa no contexto discutido.

2.2 Favelas

O termo “favela” é citado de forma corriqueira neste trabalho, sendo assim, torna-se parte essencial fundamentar e explicar alguns aspectos históricos, sociológicos, urbanísticos e políticos do conceito. As definições conceituais sobre o signo “favela” são diversas no quesito de bibliografias, logo, delimitar um único conceito seria limitar as suas mais variadas representações.

A palavra em si possui muitas derivações relacionadas aos seus significados, em uma das definições, a origem aponta para um viés histórico, biológico e geográfico,

como é apresentado por Queiroz Filho (2011, p. 36), que sustenta: “favela é o nome popular atribuído a diferentes plantas brasileiras. A espécie da família Euphorbiaceae passou a caracterizar os agrupamentos de domicílios urbanos precários graças a um contexto geográfico e histórico muito peculiar”. E complementa, Queiroz Filho (op. cit) que “[...] o conjunto de circunstâncias pode ser sintetizado pelo encadeamento de quatro principais elementos: planta, topografia, combate e narrativa”.

Neste momento, torna-se oportuna a introdução de um aspecto histórico, no Arraial de Belo Monte, no município de Monte Belo, no interior do estado da Bahia, foi onde ocorreu a Guerra de Canudos, confronto histórico entre o movimento popular liderado por Antônio Conselheiro e o Exército Brasileiro nos anos de 1896 e 1897 (QUEIROZ FILHO, 2011, p. 38). Para Cruz (1941, p. 14) a Guerra de Canudos está atrelada ao surgimento popular do termo favela, tendo a sua toponímia diretamente relacionada ao assunto em questão. O autor ainda complementa, que:

“[...] as “cabrochas” eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de Monte Santo, naquele Estado. Falavam muito, sempre da sua Baía, do seu morro. E aí ficou a Favela nas terras cariocas. Os barracões foram aparecendo, um a um. Primeiro, na aba da Providência, morro em que já morava uma numerosa população; depois foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nasceraa Favela. 1897 (CRUZ, 1941 p. 14)

No bojo dessa discussão, Sagmacs (1960) considera que a palavra chegou ao Rio de Janeiro através da guerra de Canudos. Após o encerramento das batalhas no nordeste do país, os soldados e as vivandeiras que conseguiram sobreviver se instalaram no Morro da Providência (RJ), capital do Brasil naquele tempo. Para além disso, alguns autores argumentam que a terminologia favela surgiu em diferentes anos, como sugere Abreu (1994) que, genericamente, a favela presumia-se na definição de assentamentos de condições precárias, isso na segunda década do século XX.

Enquanto que para Vaz (1994b), de forma oficial, o termo favela teve o seu reconhecimento na década de 1940, enquanto que para Valladares (2005), de acordo com o Código de Obras do Rio de Janeiro, datado no ano de 1937, houve relatos oficiais que confirmavam a existência de favelas. Com isso, pauta-se diversos apontamentos teóricos e históricos que fundamentam a discussão sobre as nuances do signo e de suas complexidades.

Nesse cenário e diante do exposto, Valladares (2000, p. 8) acrescenta que “a gênese do processo de construção social da favela está associada às descrições e imagens legadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX”, o que desencadeou no coletivo social um aspecto imaginário do que era favela e de quem ali residia.

De modo a ampliar as características desse ambiente social, Burgos (2009) aborda que no processo de exclusão da classe de operários nos centros do Rio de Janeiro, que surge o termo “favela”, justamente para distinguir e dar significado à uma área comum de habitação para o povo marginalizado.

O autor complementa que há uma polissemia no termo “favela”, pois o termo “favela” reflete sua condição de categoria social central na disputa pelo significado da ideia de cidade. Ou seja, o sentido da palavra “favela” está umbilicalmente ligado à noção de cidade, a qual, por seu turno, varia conforme a posição social de quem a define.” (BURGOS, 2009, p. 52). Nessa mesma linha de pensamento, Pequeno (2008) define favela de forma sintetizada, sendo um:

Assentamento precário, composto por famílias de baixa renda, marcado pela ocupação ilegal do solo, pelo adensamento e intensidade de ocupação do solo, pela carência de infra-estrutura [sic], pela dificuldade no acesso aos serviços e equipamentos sociais ofertados pela cidade e pela insalubridade da moradia, dadas suas dimensões e seu desconforto ambiental. (PEQUENO, 2008, p.1).

Segundo Niemeyer (1979), a partir de uma perspectiva crítica sociológica, explana que a favela possui uma construção política, estética e com processos relacionados aos seus avanços na urbanização, fenômeno esse dado como desfavelamento e progresso:

Favela, constitui-se como um dos agrupamentos de habitação subnormal e se caracteriza como um conjunto de casas em que a madeira, a lata, o zinco e o papelão aparecem como materiais construtivos irregularmente distribuídos ou em terrenos abandonados, ou em litígio, de propriedade do poder público, geralmente insalubres, desprovidos de recursos de infra-estrutura. Os barracos são construídos pelos próprios interessados (moradores ou locadores) de forma rústica e primitiva, sem levar em consideração os mínimos padrões construtivos. Oferece aspecto paisagístico em dissonância com as estruturas arquitetônicas das grandes cidades, onde comumente aparecem como fenômeno significativo do processo de urbanização subnormal. Desfavelamento é o processo pelo qual se proporciona

às famílias residentes em favelas melhores condições de moradia e mudança dos seus padrões “de habitabilidade”. (NIEMEYER, 1979, p. 116)

Uma das acepções é designar que o fato de residir nos territórios precarizados, influencia diretamente nas dinâmicas sociais. Niemeyer (1979, p. 122) justifica que a condição de endereço do ser social: “carrega consigo uma conotação exclusiva de moradia em favela. É o único índice que permite a identificação do trabalhador, quando fora da favela, como “favelado”. Situação que acarreta no ato um descrédito de sua pessoa”.

No contexto de definições e abordagens sobre a denominação de “favelas”, tem-se como estímulo ampliar as discussões, sendo assim, o Observatório de Favelas, instituição de organização da sociedade civil que elabora consultorias, pesquisas, ações de políticas públicas e produções de conhecimentos sobre os fenômenos urbanos e culturais dos territórios de favelas, por meio de compartilhamentos realizados através de veículos digitais, nos traz diversos amparos elucidativos a respeito deste teor.

No ano de 2009, a organização realizou um seminário intitulado como “O que é favela, afinal?”. Silva (2009) traz à tona alguns perfis que ocorrem dentro dos territórios de favelas dadas por: perfil sociopolítico, socioeconômico, sócio-urbanístico e o sociocultural, com as descrições do material de referência ao mesmo ano, apresentam-se os seguintes pontos:

Perfil sociopolítico: a favela é um território onde a incompletude de políticas e ações do Estado se fazem historicamente recorrentes, em termos da dotação de serviços de infraestrutura urbana e de equipamentos coletivos (educacionais, culturais, de saúde, de esporte e lazer. Perfil socioeconômico: a favela é um território onde investimentos do mercado formal são precários, principalmente o imobiliário, o financeiro e o de serviços. Predominam relações informais de geração de renda, com elevadas taxas de subemprego e desemprego. Perfil sócio-urbanístico: a favela é um território de edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, sem obediência aos padrões urbanos normativos do Estado. A favela significa uma morada urbana que resume as condições desiguais da urbanização. Perfil sociocultural: a favela é um território de expressiva presença de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com região brasileira,

configurando identidades plurais no plano da existência material e simbólica. (SILVA, 2009, p. 96-97)

De modo a caracterizar conceitual e terminologicamente o signo sobre favela, alguns dicionários foram consultados a fim de contribuir para a pesquisa e descrição correta das informações, oferecendo sentido de definição. Sendo assim, o termo “favela” (MICHAELIS, 2021), pelo Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa – Michaelis (*online*) designa-se: “área de povoamento urbano formada por moradias populares, onde predominam pessoas socialmente desfavorecidas.

Essa comunidade é o resultado de um processo histórico de exclusão social e de um modelo de má distribuição de renda”, caracterizando sobretudo as faltas de políticas públicas que os atores sociais enfrentam desassistidos pelo Estado. A definição disponível no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa - Caldas Aulete, o termo “favela” (AULETE, 2021) se configura como: “comunidade de habitações modestas, construídas principalmente nas encostas dos morros das áreas urbanas e geralmente desprovida de infraestrutura de urbanização”.

Os assuntos disponibilizados na Wikifavelas, ampliam a discussão sobre o conceito limitado acerca das favelas e periferias. Há produção de saberes, produções intelectuais, acadêmicas, culturais, representando as pluralidades e trajetórias, tornando acessível todo material produzido na plataforma. Sobre produtores orgânicos de conhecimentos nas favelas, colocando como atores os jovens favelados que adentram nos espaços acadêmicos, D’Andrea (2020) menciona que o feito experimentado pelos mesmos é composto por trajetórias quebradas:

Trajetórias quebradas porque elas se interrompem no meio do caminho e porque hoje existe uma política para impedir os pobres de entrarem nas universidades. Trajetórias quebradas porque são trajetórias das quebradas. Esse aprendizado dialeticamente doloroso e libertador de poder ter acesso à universidade incidiu nas subjetividades periféricas. A partir dessas subjetividades, faz-se necessário formular uma nova ciência. (D’ANDREA, 2020, p. 34)

A ciência que o autor defende e argumenta, trata-se de uma nova epistemologia, D’Andrea (2020, p. 34) conceitualiza que a “epistemologia periférica se constitui por meio de uma vivência que produz identificação com os sujeitos e sujeitas da pesquisa, oriundos da mesma classe social e com códigos compartilháveis”.

Partindo dessa premissa, a plataforma em questão, a Wikifavelas, se torna um canal e mecanismo essencial para que os pesquisadores periféricos e favelados tenham a possibilidade de contribuírem e gerarem novos diálogos conceituais sobre suas vivências e realidades.

Levando-se em conta o que foi observado, torna-se necessário, portanto, analisar que trazer um conceito à tona evidencia abordar as particularidades e os graus de complexidades, sobretudo quando se trata de fenômenos sociais, históricos e urbanísticos. Diante desse quadro, não se pode adiar, portanto, que as favelas e regiões brasileiras que são vistas pela sociedade apenas por suas mazelas, pertencem e são resultados do reflexo de um Estado que não investe em políticas públicas para o desenvolvimento posterior desses territórios.

O Dicionário de Favelas Marielle Franco, a Wikifavelas, por meio de aprovação de seu conselho editorial, visa elencar, organizar e disponibilizar as informações e conhecimentos produzidos sobre essas populações por meio de verbetes e terminologias, dadas como manifestações autorais, com os diferentes tipos: poesias, artigos científicos e históricos, imagens e produções audiovisuais que retratam a realidade favelada.

2.3 Wiki – definição e a construção colaborativa do conhecimento

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) são ferramentas que elaboram novas formas de dinamizar o laborar do conhecimento. Com essas novas tecnologias ocorrem alterações nas estruturas e sistemas tradicionais relacionados aos processos de aprendizagens, pois, rompe-se a lógica de privação do espaço e tempo, possibilitando que o aprender possa ser exercido em qualquer outro lugar (RAMALHO; TSUNODA, 2007).

Nessa perspectiva, entre as diversas TICs existentes, destacam-se as ferramentas nomeadas como social software ou comumente lembradas como software colaborativo, Primo e Brambilla (2007, p. 12) os define como “[...] tecnologias empregadas para a comunicação entre pessoas e grupos por meio da internet. Utilizados através de websites ou aplicativos, os sociais software visam a comunicação e a organização de informações”, sendo um amparo para a sistematização das informações elaboradas em ambientes digitais.

Os softwares colaborativos contribuem diretamente para o fomento de discussões e negociações das diferenças, ressalta-se que uma das características mais evidentes dessa ferramenta é a possibilidade de publicações por qualquer usuário cadastrado no veículo informacional (PRIMO; BRAMBILLA, 2007). Diante desse contexto, ao redirecionar para a questão das tecnologias da inteligência convém evidenciar que Lévy (1993) pontua brevemente sobre as ferramentas groupwares:

Com os groupwares, o debate se dirige para a construção progressiva de uma rede de argumentação e documentação que está sempre presente aos olhos da comunidade, podendo ser manipulada a qualquer momento. Não é mais “cada um na sua vez” ou “um depois do outro”, mas sim uma espécie de lenta escrita coletiva, dessincronizada, desdramatizada, expandida, como se crescesse por conta própria seguindo uma infinidade de linhas paralelas, e, portanto, sempre disponível, ordenada e objetivada sobre a tela. O groupware talvez tenha inaugurado uma nova geometria da comunicação (LÉVY, 1993, p. 66).

Dado o exposto, cabe ressaltar sobre o modelo de ferramenta Wiki, que pertence ao contexto da tecnologia da informação e comunicação (TIC) e possui características e os conceitos de uma base tecnológica digital colaborativa. Sobre o surgimento da iniciativa Wiki, Ramalho e Tsunoda (2007) pontuam que o primeiro modelo lançado na web ocorreu no ano de 1995, criado por Ward Cunningham, conhecido por Portland Pattern Repository, que tinha a ideia central de desenvolver um canal virtual onde fossem gerados conteúdos pelos próprios usuários.

Com isso, a construção colaborativa do conhecimento a partir do uso de ferramentas Wiki tem sido cada vez mais comum em tempos tecnológicos. Para Christofolletti (2007, p. 2) muitas áreas do conhecimento se atentaram “[...] para o novo fenômeno na internet, responsável pela exponencial expansão de conteúdo na rede, pelo crescimento da participação do público e pela conseqüente alteração do fluxo informativo”. Como citado por Primo e Recuero (2003, p. 13) “o Wiki (que significa “rápido” no Havai) é um *social software* criado para o trabalho em equipe, tendo se tornado um dos programas mais estudados nos últimos anos”.

Em consenso com o raciocínio anterior, torna-se importante citar que a tecnologia Wiki possui um senso democrático dentro de suas comunidades, seja

através das escritas ou interações, bem como na flexibilidade dos direitos de propriedade por serem abertos e passíveis de alterações (BOBBIO, 1989).

Sobre as estruturas específicas da realidade Wiki, no aspecto de recuperação informacional, mediante a alta demanda e dados elaborados na Internet, foram desenvolvidos os *search engines*, conhecidos como sistemas de busca. Mecanismos esses que são fundamentados em sites ou programas especializados para a localização das informações. Sobre os métodos de busca, o mesmo visa ter uma alta capacidade de entregar informações para o usuário final com uma precisão consideravelmente efetiva (ALMEIDA, 1998).

No que tange os aspectos referente à organização da informação e do conhecimento em ambientes wiki, o gerenciamento adequado faz parte de um dos processos colaborativos. Nessa perspectiva, Preece (2002) argumenta que a presença de moderadores e líderes no processo colaborativo é extremamente importante. As ferramentas de comunicação objetivam a troca de ideias, enquanto as de coordenação viabilizam a organização dos conteúdos e as de cooperação possibilitam execuções em conjunto no espaço em questão, que é compartilhado (Fuks et. al., 2003).

Para tanto, Robert e Noel (2004) observaram através de uma análise, que o exercício de um líder consiste em uma gama de responsabilidades sobre os documentos gerados, como também, por uma elaboração de plano de atividades, na resolução de conflitos entre os participantes, na seleção dos indivíduos e de certo modo, por toda a carga de coordenação dos trabalhos desenvolvidos. E para além disso, com relação aos documentos, o líder deve fomentar discussões e trabalhar na promoção do diálogo. Sobre a credibilidade e a fidedignidade do sistema wiki, Primo (2006) aponta através de um marco temporal:

A partir de recursos da Web 2.0, potencializa-se a livre circulação e a organização distribuída de informações compartilhadas através de associações mentais. Nestes casos importa menos a formação especializada de membros individuais. A credibilidade e relevância dos materiais publicados é reconhecida a partir da constante dinamicidade construção e atualização coletiva (PRIMO, 2006, p.4).

Tratando-se das plataformas digitais que utilizam a metodologia e sistematização wiki, Lévy (2007) evidencia que a inteligência formulada através do coletivo é dada como uma riqueza de grande valor para a humanidade e tem como resultado, uma ação direta no desenvolvimento humano.

Para Maturana e Varela (1995, p. 68) “todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer”, os autores ainda reforçam que “tudo o que é dito, é dito por alguém” (MATURANA; VARELA. op. cit., p. 69), gerando uma reflexão de que todo o conhecimento informacional gestado possui um teor de relevância na sociedade, fundamentando a construção social e colaborativa do conhecimento. Para Brown e Duguid (2001) o conhecimento está vinculado àquele que conhece e os autores reforçam, conforme citação abaixo, a necessidade de questionar quem são aqueles que sabem?

A informação é algo que as pessoas coletam, possuem, passam para outros, colocam em bancos de dados, perdem, acham, anotam, acumulam, contam, comparam e assim por diante. Em contrapartida, o conhecimento não aceita tão amavelmente essas ideias de recebimento, transporte e quantificação. Ele é difícil de ser coletado e transferido. Por exemplo, você poderá esperar que alguém lhe envie ou indique onde encontrar as informações que ele possua, mas não os conhecimentos (BROWN; DUGUID, 2001, p.105).

Sob essa ótica, o processo colaborativo resulta em um acervo intelectual no suporte Wiki, esse material é refletido através de um assunto de interesse comum ao coletivo e após a inclusão da informação, é organizada e disponibilizada (VIEIRA, 2008).

Dentro desse raciocínio, faz-se interessante esclarecer, conforme apontado por Chiu, Huang e Chang (1999), que quanto maior o índice de troca referente às informações, melhor será o resultado final sobre o conhecimento gerado pelos participantes. Em contrapartida, ainda que necessário, o processo de interação não faz valer como critério suficiente para a produção de conhecimentos mais “apurados”.

Sobre o senso comunitário, de diálogo e discussões que o Wiki propõe, Primo e Recuero (2003, p.3) apontam que “[...] podem vir a fomentar um sentimento comunitário compartilhado. Quer-se apontar que a possibilidade de livre participação na redação cooperada de hipertextos se insere no encaminhamento de uma construção social do conhecimento”.

Jorente (2011) justifica que no aspecto social juvenil, de suas vivências, representações e experiências, a linguagem tecnológica é um fator que contempla o âmbito das mudanças culturais, mediante a interação com os mecanismos e recursos tecnológicos há o resultado de novas linguagens e representações nesses espaços.

A autora reforça ainda, que a aquisição informacional disponibilizada no meio digital influenciou nas inovações de representações do conhecimento, propondo novas formas de construir o mesmo de forma inovativa.

3 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

A organização do conhecimento (OC) possui diversas bibliografias científicas que comprovam a sua necessidade no campo informacional e nas áreas interdisciplinares do saber. Para os autores Lima e Alvares (2012) e Wilson (2006), o conhecimento se relaciona com a experiência de cada indivíduo a partir de processos cognitivos de compreensão, interpretação e aprendizados que ocorrem na mentalidade humana. Desse modo, a fim de abordar introdutoriamente o conceito de conhecimento, o mesmo é assimilado de acordo com a percepção de cada indivíduo.

Por outro lado, Brascher e Carlan (2010, p. 150), argumentam que “[...] a organização do conhecimento é um processo de modelagem que visa construir representações do conhecimento”. Em complemento a conceitualização, Wilson (2006) define conhecimento

[...] como aquilo que sabemos. Envolve processos mentais de compreensão, entendimento e aprendizado que passam na mente e apenas na mente, independentemente de interação com o mundo exterior à mente e a interação com outros. (WILSON, 2006, p. 38)

O conhecimento não se restringe apenas à dinâmica individual e cognitiva, mas sim social, pois relaciona-se com as diversas culturas, princípios e valores. Com isso, acrescenta-se uma característica de subjetividade nos conhecimentos de cada indivíduo, fenômeno esse que ocorre na interação do ser social com o mundo à sua volta, gerando uma reação de mudança no campo em que está presente e na sua transformação social interna (LIMA; ALVARES, 2012; CURRÁS, 2010).

Dahlberg (2006, p.12, tradução livre) define a OC como: “[...] a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos.

Brascher e Carlan (2010, p. 150), entendem a OC como: “um processo de modelagem que visa construir representações do conhecimento”. Lima e Alvares (2012, p. 27-8) descrevem as atuações da OC: “[...] como se representa o conhecimento; se as áreas do conhecimento são representadas da mesma maneira; o que pode ser representado; e se tudo pode ser representado”.

No mesmo enredo, Anderson (2003) traz uma percepção da OC como uma metodologia que edifica o processo de indexação, resumos, catalogações, classificações, gerenciamento de dados, bibliografias e bases de dados, centralizando o objetivo de recuperar informações; complementa ainda que, relaciona-se com a descrição de documentos, na produção de materiais, de suas propriedades e finalidades.

Vinculado ao pensamento anterior, sobre as possibilidades de organização do conhecimento, Barité (2001) apresenta alguns princípios primordiais que justificam uma contribuição para esse contexto, o autor defende que a raiz do conhecimento é um produto de necessidade social e que todo o conhecimento para ser melhor aproveitado necessita de uma organização conceitual e com ordenação sistêmica.

Para Lima e Alvares (2012, p. 33), “representar o conhecimento é uma tentativa de se apropriar dos elementos informacionais existentes nas estruturas e processos mentais que compõem o conhecimento individual, para que o saber possa ser socializado”. A organização do conhecimento existe para alcançar um objetivo em comum de determinado grupo, sendo necessário desenvolver a representação para posterior organização de acordo com as metas e valores dos usuários aos quais o sistema se destina (HJØRLAND, 2008). Para Lima e Alvares (2012, p. 33), representar o conhecimento:

[...] É um esforço, nas diversas ciências, de materializar o que ocorre na mente humana e na dinâmica do conhecimento, cuja estrutura e funcionamento ainda significam enorme desafio para a comunidade científica. Para isso, são usados diversos modelos de representação, que podem ser descritivos, matemáticos, visuais, informatizados, dentre outros, conforme as necessidades e especificidades de cada área para se aproximar dos processos cognitivos que envolvem a aprendizagem, o raciocínio, as relações que ocorrem entre os conhecimentos disponíveis na memória para gerar novos conhecimentos.

No contexto da Wikifavelas o aspecto de representação do conhecimento torna-se fator essencial, pois tratam de conhecimentos relacionados à dinâmica social, cultural e histórica da população favelada. Para Moscovici (1978, p. 28) a representação social é caracterizada como “um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação”.

Conforme argumentado por Lima e Alvares (2012, p. 27) a organização social do conhecimento se dá mediante “a organização dos seres, na divisão social do trabalho, na sociologia do conhecimento, na sociologia das profissões, das inovações e de tudo mais que nos cerca”, nesta mesma visão, os autores ainda complementam:

[...] É também um fenômeno social, pois a manifestação da organização do pensamento pelo agrupamento, pela separação, pela hierarquização e pela centralização, princípios fundamentais da organização, é realizada intuitivamente o tempo todo. (LIMA; ALVARES, 2012, p. 27)

As representações configuram uma essência relacional, de formato linear e com projeções sócio-históricas, na perspectiva de expressar significações, conceitos normativos, concepções e simbologias do contexto social intrínseco à sua construção (MARTINS; CÔRTEZ, 2019). Desse modo, as informações registradas no Dicionário de Favelas Marielle Franco, a Wikifavelas, possui características vitalícias de instrumentos fundamentais e elementais para a construção do conhecimento, sobretudo social e histórico. Em contrapartida, Alvarenga (2003) pontua que:

[...] Dos enunciados sobre os seres gera-se o chamado conceito, unidade de conhecimento referente ao ser percebido, componente essencial do conhecimento a ser representado. O processo de produção dos registros de conhecimento compreende a etapa de representação da coisa ou ser, gerando-se em decorrência um produto final, um conhecimento sobre a coisa. (ALVARENGA, 2003, p. 22)

Ao passo que, as contribuições de ordem colaborativa que geram os conhecimentos sobre as favelas, de seus territórios e trajetórias, são colaborações sociais e de indivíduos que possuem capital cultural para acrescentar às informações mediante a proposta da plataforma.

Quanto ao elemento da informação que elabora o conhecimento, Le Coadic (2004, p. 4) pontua que é dado como um “conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual em um suporte. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal”. Sob a ótica do gerar conhecimento através de informações culturais e sociais, Wilson (2002), afirma que:

A informação obtida por um indivíduo, para se transformar em conhecimento, dialoga com a sua cultura, seus valores e princípios, seu modo de ser e sua maneira de ver e compreender o mundo. O conhecimento, nesse caso, é subjetivo (inerente ao sujeito), mas ao mesmo tempo social, pois o ser humano interage com o mundo que o circunda, modificando-o e sendo por ele modificado”. (WILSON, 2002,p. 38)

No campo da representação da informação e dos seres sociais menos favorecidos na sociedade, Martins e Côrtes (2019, p. 164) defendem que “o profissional da informação, ao interpretar a realidade, por meio de instrumentos documentários, como classificações e/ou indexações, pode contribuir para visibilizar sujeitos em situação de marginalidade social”.

4 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), são sistemas de classificação que têm por finalidade representar o conhecimento. Segundo Capurro (2003) todo conhecimento é desenvolvido, documentado e socializado em um tipo de domínio. E mediante a elaboração do conhecimento, criar um parâmetro de sistematização para representar e elencar a informação formulada, é um dos critérios básicos para sanar a necessidade informacional de um contexto específico. Os SOC existem justamente para isso, Carlan (2010) define por:

Sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos. Na organização e recuperação da informação, os SOC cumprem o objetivo de padronização terminológica para facilitar e orientar a indexação e os usuários. Quanto à estrutura variam de um esquema simples até o multidimensional, enquanto que suas funções incluem a eliminação da ambiguidade, controle de sinônimos ou equivalentes e estabelecimento de relacionamentos semânticos entre conceitos. (CARLAN, 2010, p. 16)

Os SOC são instrumentos semânticos que consistem em concepções e relacionamentos semânticos definidos e selecionados (BROUGHTON *et al.*; 2005), ou seja, os Sistemas de Organização do Conhecimento são utilizados para o mapeamento de objetos informacionais, isto é, representar os assuntos elencados através dos documentos em um sistema de informação. Dessa forma, são utilizados em diversos contextos, bem como: na classificação no processo de indexação, pelo indexador, classificador, quanto pelo usuário final que terá acesso à informação (DAHLBERG, 2006).

Os sistemas que garantem a organização do conhecimento possuem algumas características, constituindo-se em diversos esquemas cujo objetivo é: organizar, gerenciar e recuperar a informação apresentada. Os autores ainda complementam que esses sistemas abarcam classificação, tesauro, ontologia, glossários e dicionários, que tenham relação com a organização que gerencia as informações com o intuito de organizar, recuperar e disseminar as informações. (TRISTÃO; FACHIN; ALARCON, 2004).

A aplicação dos SOC torna-se imprescindível, sobretudo em tempos de grande consumo de informação tecnológica, esses sistemas oferecem diversos tipos de

organização para os suportes informacionais existentes. No contexto dos documentos eletrônicos, para alcançar uma organização plausível, a aplicação da linguagem documentária, da terminologia e do vocabulário controlado é necessária, ainda que restrinja as variedades de conceitos transmitidos através da linguagem natural, optar por uma linguagem mais precisa, garantirá a visualização do corpo de informações por completo, levando à uma organização sistêmica (SCHIESSL ; SHINTAKU, 2012).

Os SOC acompanham a cronologia evolutiva dos sistemas de informação e conforme pontua Vickery (2008) são classificados como: era da pré – coordenação: que se fundamenta nos parâmetros de uma estrutura estática e de manejos manuais para recuperar as informações, como catálogos e índices; era da pós – coordenação: de característica mais dinâmica, gerando a possibilidade de manuseio independente para uma posterior representação da informação, como tesouros e vocabulários controlados; era da internet: existência de classificações hierárquicas, dando orientação para o usuário na encontrabilidade das informações em uma pesquisa, através da taxonomia; e a era da web semântica: elaborados por agentes especializados, fundamentando as ontologias.

A classificação tem como cronologia a ordem evolutiva da linguagem natural à linguagem controlada (HODGE, 2000). A iniciativa do Dicionário de Favelas Marielle Franco - Wikifavelas, visa, justamente elencar e disponibilizar informações com assuntos relacionados às favelas através da web, tornando as produções de conhecimentos e saberes culturais em documentos que necessitam de um tratamento especializado e com uma proposta de sistematização conceitual para assegurar as informações do ambiente.

4.1 Linguagem documentária e vocabulário controlado

Para caracterizar a linguagem documentária e o vocabulário controlado, faz-se necessário abordar alguns conceitos introdutórios e de como as áreas e as ferramentas do conhecimento se articulam entre si, promovendo um resultado para a organização da informação e do conhecimento.

A língua e a linguagem possuem qualidades equivalentes, porém, diferenciam-se uma da outra no aspecto conceitual. A língua caminha junto com a evolução da humanidade, dado através de fenômenos ocorridos historicamente. Enquanto que a linguagem, possui uma dimensão maior, a de caracterizar e representar diversos

conceitos independentemente do formato, portanto, as representações podem ocorrer através do idioma, que são os sistemas sociais, transmitidas através da linguagem natural que é utilizada cotidianamente, ou de um sistema de representação oposto, dados por sinais, sons ou linguagem de programação (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012).

Toda língua e linguagem existentes possuem diversos modos de serem representadas, nesse sentido, a partir de princípios teóricos desenvolvidos na ciência da informação, a linguagem documentária é uma ferramenta que visa gerar a recuperação das informações com precisão, tendo por finalidade, atender as necessidades dos usuários. É utilizada tanto no tratamento intelectual de um documento, quanto no processo de indexação e recuperação, traduzidos através de entradas nos sistemas de armazenamento e em pesquisas feitas no sistema de recuperação (GUINCHAT; MENOUE, 1994).

Em consonância da colocação anterior, Currás (1995) complementa que a linguagem documentária tem como fim, controlar, normalizar e classificar um contexto onde possui informações. Compreende-se, então, que a função da linguagem documentária é justamente representar, com grau de padronização, o conhecimento elaborado por um veículo específico e estabelecer uma conexão entre o usuário e o conteúdo disponibilizado. E a partir dela, elaborada de modo artificial visando a sintetização, propor um vocabulário controlado para o domínio proposto de forma objetiva (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012).

De acordo com Davanzo (2016), os conceitos elaborados acerca de vocabulário controlado e de linguagem documentária estão diretamente atrelados. A autora pontua que mediante o uso dessas duas ferramentas e da utilização do vocabulário controlado, tem-se como resultado o efeito positivo de uma melhor recuperação informacional no contexto pretendido. Complementando o pensamento anterior, para Boccato, Ramalho e Fujita (2008) os vocabulários controlados e as linguagens documentárias são definidos como:

Linguagens de estruturas combinatórias e pós-coordenadas, constituídas de termos e unidades linguísticas provenientes da linguagem de especialidade e da linguagem natural, denominados de descritores, providos de relações sintático semânticas, referentes a domínios científicos especializados, possibilitando a representação temática do conteúdo de um documento, bem como

a recuperação da informação (BOCCATO; RAMALHO; FUJITA, 2008, p. 200).

O vocabulário controlado por sua vez, define-se por uma coletânea de termos que auxiliam na melhor descrição dos documentos de forma precisa. O propósito determinante é assegurar uma descrição mais fundamentada e propiciar uma recuperação eficiente dos conteúdos que compõem o SOC (COLOMB, 2002).

A proveniência da linguagem natural implica na ambiguidade, entendida como “uma expressão da língua (palavra ou frase) que possui vários significados distintos, podendo, conseqüentemente, ser compreendida de diferentes maneiras por um receptor” (BRASCHER, 2002). A linguagem natural, segundo Schiessl e Shintaku (2012) expressa algumas características básicas, como a sinonímia, a polissemia e a homografia, provocando a necessidade de padronização, processo esse que é possível de ser realizado por meio do vocabulário controlado, evitando variantes no que tange a descrição das informações.

A partir das informações anteriores, a fim de trazer alguns conceitos sobre a linguagem natural e de seus fenômenos, a sinonímia ocorre quando mais de um termo é representado a partir do mesmo conceito. Enquanto que a polissemia traz o significado de que um termo possui mais do que um único conceito, e por fim, a homografia ocorre na descrição de palavras diferentes mas que se aplica através do mesmo escrito (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012).

Os vocabulários controlados possibilitam que o sistema de informação consiga estruturar melhor as informações através dos termos, caso o sistema não possua uma metodologia, Moreira et al (2015) pontua que:

Na ausência de controle terminológico por meio de linguagem documentária, isso é, sem a adoção de procedimentos de desambiguação da linguagem natural, realiza-se um uso pobre da linguagem em si, enquanto elemento capaz de sintetizar e sistematizaros conceitos. (MOREIRA et al, 2015, p. 03)

Um sistema que não possui o amparo do vocabulário controlado, corre o risco de não entregar as informações por completo e de forma estruturada. Neste parâmetro, os vocabulários controlados para serem elaborados e alcançarem um objetivo de forma coesa, necessitam de uma normativa, sendo assim, seguem alguns apontamentos sobre a Norma ANSI/NISO Z39.19:2005 que são fundamentais:

- A ligação de sinônimos ou quase sinônimos pela relação de equivalências;
- Definição unívoca de termos com a mesma escrita ou homógrafos;
- Se o mesmo termo é usado para diferentes conceitos, ele deve ser explicitamente qualificado para solucionar essa ambiguidade;
- Se vários termos são usados para o mesmo conceito, um dos termos é identificado como o preferido no vocabulário controlado e os outros termos são listados como sinônimos ou equivalentes.

Para além do teor de normalização, o vocabulário controlado gera diversos impactos na organização da informação e do conhecimento, logo, afetando a estrutura social, conforme citado por Rocha; Domingues e Cervantes (2013) são sistemas que permitem o fenômeno do socializar, no pulsante das realidades dos ambientes digitais, através da representação proposta, é possível assegurar a recuperação de documentos em diversas áreas do saber.

Na proposta de oferecer um melhor acesso e uma recuperação da informação eficiente para os usuários, Narukawa (2011) aponta que tornar a informação acessível aos usuários permitindo a sua usabilidade e apropriação, promove um efeito de gerar novos saberes, informações e conhecimentos. Para a autora, a informação contrasta com os efeitos e fenômenos na sociedade e justifica que é necessária uma reflexão sobre as novas possibilidades de formatações para elencar e organizar as informações sociais de forma eficiente.

4.2 Classificação e Taxonomias

A definição do que é classificação se coloca como um conjunto de conceitos que é organizado de forma sistemática de acordo com os parâmetros ou características determinadas (ISO TR 14177, 1994).

A classificação é um processo humano de caráter natural e que ajuda a compreender o mundo, sem a classificação não existiria pensamento humano (LANGRIDGE, 1973). A partir de um estudo sobre classificação em variados períodos de tempo, revelou-se que a cultura está atrelada a classificação, contextualizando com o momento e a elaboração documental (GROLIER, 1974).

Para Foskett e Bury (1982), a função do ato de classificar nos suportes de informação tem a justificativa de ordenação documental, facilitando os usuários e os serviços. A classificação tem como vetor a simplificação da recuperação eficiente das

informações pretendidas e ter uma ordenação nesse enredo contribui diretamente para os sistemas que emergem na realidade ordenada.

Por meio de dois procedimentos fundamentais, sendo a elaboração dos esquemas que representam as informações e a usabilidade. Porém, apesar do processo, a ordenação equivale no agrupamento por semelhança de características (WYNAR, 1976). Sobre o ideal de classificar a partir das similaridades Barbosa (1969) ressalta que as características devem seguir as seguintes concepções: (I) utilidade, consistência, (III) exaustividade e (IV) modularidade. Ao cumprir esses elementos, restringe-se a probabilidade de classificação cruzada, ou chance da disposição de um item estar classes diferentes, pois ocorre com clareza a sistematização da classificação.

O esquema de classificação é descrito por representar graficamente as categorias, classes, suas divisões e arranjos (BARBOSA, 1969). Para SARDANA, (2002) os esquemas de classificação precisam considerar três condições, sendo elas, a organização de ideias ou uma função cognitiva, a organização de documentos ou função bibliográfica e no apoio na organização dos livros na prateleira, ou função bibliotecária.

Existem diversos tipos de classificação, para cada ambiente e realidade informacional, é possível a utilização de uma mais adequada. No teor do trabalho, discorre-se sobre a classificação facetada, que será abordada de forma ampla no capítulo de apresentação do modelo conceitual e terminológico proposto.

A classificação por facetas foi desenvolvida por Shiyali Ramamrita Ranganathan na década de 1930. A expressão “análise em facetas” foi adotada para referenciar a técnica de fragmentar um assunto complexo. As facetas são utilizadas para estabelecerem relações, classificadas por “categorias fundamentais”, com sentido abstrato e denominam-se por: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço, Tempo, conhecidas pela sigla PMEST. A categoria Personalidade se distingue da característica do assunto; Matéria, enquadra-se como o material físico relacionado à composição de um assunto; Energia é uma força ou ação que ocorre a um tipo de assunto; Espaço é o aspecto geográfico em que a informação é posicionada e o Tempo, é o período de associação de um assunto (PRESSCOTT, 2003).

Na elaboração de um sistema de classificação facetada destinado para um campo específico do conhecimento, há uma etapa fundamental, que é a seleção das facetas relevantes e como elas se ajustam aos objetivos do sistema de informação

(ARAÚJO, 2006). Após selecionar os termos, as facetas precisam surgir, através de um conceito, definido por “todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a precisão de objetos cognoscíveis” (INÁCIO FILHO, 1995, p. 65).

Os conceitos precisam ser organizados de acordo com as relações que se estabelecem uns com os outros, firmando uma ordenação de classificação, pois “com o auxílio destes tipos de relacionamento é possível estabelecer comparações entre os conceitos de modo a organizá-los não só nos sistemas de classificação mas também nos tesouros” (DAHLBERG, 1978, p. 104). A coletânea de conceitos não objetiva apenas a atribuição conceitual, mas visa justificar uma ordenação de classificação. De acordo com Dahlberg (1978, p. 104-105), a relação é ofertada por alguns conceitos:

[...] a) Relações lógicas (baseadas na posse de características comuns): Identidade (as características são as mesmas); implicação (o conceito A está contido no conceito B); intersecção (os dois conceitos coincidem em algum elemento); disjunção (nenhuma característica em comum); negação (o conceito A possui características cuja negação está no conceito). b) Relações semânticas: relações hierárquicas (a relação de gênero e espécie, quando “dois conceitos diferentes possuem características idênticas e um deles possui uma característica a mais que o outro”); relações partitivas (que existem entre um todo e suas partes, ou um produto e os elementos que o constituem); relações de oposição (de contradição ou contrariedade); relações funcionais (conceitos que expressam processo).

Para Cavalcanti (1978, p. 43) há uma outra distinção que apresenta as relações de equivalência (sinônimos e quase-sinônimos), hierárquicas (que podem ser genéricas ou partitivas) e associativas (ou de afinidade), que podem ser de conceitos opostos, genéticas (quando um objeto precede o outro), de coordenação (quando são derivados de um mesmo termo genérico), de causa e efeito, de relação instrumental, de relação material (quando uma coisa dá origem a outra) e de similaridade.

Barbosa (1972, p. 75) traz de forma objetiva que “[...] a quantidade de facetas derivadas varia de assunto para assunto, e dependerá das necessidades do grupo que vai usá-la, isto é, o grupo para o qual o sistema estiver sendo elaborado”. Para construir um sistema facetado, Araújo (2006, p. 133) categoriza algumas etapas imprescindíveis, sendo elas:

[...] (I) De formação de conceitos: escolha do conceito, coleta dos enunciados verdadeiros sobre ele, seleção dos enunciados redundantes ou que estão contidos nos outros, determinação dos

enunciados essenciais e acidentais e determinação dos tipos de enunciados. (II) Relações entre os conceitos: determinação dos tipos de conceitos, determinação das relações, entre eles: análise de intenção e extensão dos conceitos; observação dos princípios lógicos de classificação (completude, irreduzibilidade e exclusividade mútua). (III) Organização do esquema facetado: definição do assunto e das fronteiras; levantamento de facetas; levantamento das sub facetas; decisão da ordem de citação das facetas e sub facetas; agrupamento das sub facetas.

A aplicação da teoria da classificação facetada em ambientes digitais de acordo com Pontes e Lima (2012), podem ser ferramentas de auxílio no controle de vocabulário, descrição temática de um contexto documental e na recuperação informacional. Porém, na realidade, de acordo com a constatação de Koch (1998), os esquemas de classificação, de modo geral, consideram-se como pouco efetivos e impróprios para a organização de recursos digitais. Acerca dos esquemas de classificações construídos, em sua maioria, apresentam uma estrutura hierárquica, dando foco para a divisão de classes mais específicas. Nesse modelo de estrutura, não há um suporte adequado para os relacionamentos sintáticos, sendo apresentados apenas os hierárquicos (BROUGHTON, 2002). Ingwersen e Wormell (1992), realizaram uma análise através do uso de estruturas facetadas com o objetivo de recuperar a informação pretendida em banco de dados, e a partir dessa pesquisa, afirmaram:

[...] a discussão demonstra a utilidade da categorização facetada, não apenas para documentos textuais, mas também para outras formas de conteúdos. A categorização facetada para outras formas de conteúdos. A categorização facetada, pode fornecer pontos de acesso multidimensionais e estruturados para o conteúdo dos documentos, e desta forma possibilitar o acesso intelectual ao conhecimento gerado e armazenado (INGWERSEN; WORMELL, 1992, p. 199, tradução nossa).

Para Kwasnick (1999, p. 39), “a noção de facetas se assenta na crença de que existe mais de uma maneira de ver o mundo, e que mesmo as classificações que são tidas como estáveis, são de fato provisórias e dinâmicas. O desafio é construir classificações que sejam flexíveis e que possam acomodar novos fenômenos”. Denton (2003) afirma que posterior à construção do sistema de classificação, o maior desafio é tornar um mecanismo de uso facilitado e com uma dinâmica intuitiva.

Os esquemas construídos, em sua maioria, apresentam uma estrutura

hierárquica, dando foco para a divisão de classes mais específicas. Nesse modelo de estrutura, não há um suporte adequado para os relacionamentos sintáticos, sendo apresentados apenas os hierárquicos (BROUGHTON, 2002).

A linearidade na organização dos materiais ou representações informacionais no contexto digital, não possui grande importância, porém, a apresentação na tela é fundamental (BROUGHTON, 2006). Para La Barre (2006), sobre a análise e classificação facetada, há uma crescente importância entre profissionais, como arquitetos da informação e especialistas em gerenciamento informacional que visam, para além do aperfeiçoamento profissional, elaborar melhores ferramentas de gestão e acesso ao conhecimento organizativo.

De acordo com Vital e Café (2011, p. 22) “taxonomia vem do grego *taxis=ordem* e *onoma=nome* e derivou-se de um dos ramos da Biologia que trata da classificação lógica e científica dos seres vivos, fruto do trabalho de Karl Von Linneé”, utilizada hoje em dia em vários parâmetros de classificações, sobretudo no campo da ciência da informação.

Uma estrutura taxonômica é estruturada em formato de árvore hierárquica com o objetivo principal de representar um tipo de conhecimento. Elaborada de forma sistemática, possui regras de agrupamento em classes e na formação da estrutura, possibilitando a compreensão humana e artificial, através das máquinas. A formação dessa árvore se constitui através de superclasses, classes e subclasses. Por essa razão, a relação de hierarquia estabelece o propósito de gerar relacionamentos de semelhança ou de pertinência. Em uma classe, concentram-se os conceitos em comum, nas subclasses juntam-se os conceitos de características extras, enquanto nas superclasses, ficam os conceitos de características mais generalistas. (SCHISSL; SHINTAKU, 2012).

As taxonomias bem estruturadas, de acordo com Terra et al. (2005 apud VITAL; CAFÉ, 2011) tem como objetivos:

Estabelecer categorias gerais; coletar e representar conceitos por meio de termos; agilizar a comunicação entre especialistas e outros públicos; encontrar o consenso; controlar a diversidade de significação; construir relacionamento semântico entre termos, por meio de relações hierárquicas e por fim, oferecer mapa da área que pode ser utilizado como guia dos processos de conhecimento (TERRA, et al. 2005 apud VITAL; CAFÉ, 2011).

A classificação em conjunção da taxonomia ordena um sentido lógico e legítimo para o âmbito informacional, no sentido de aprimorar e aprofundar as abordagens de classificação, baseando-se nos conceitos discutidos neste trabalho, visa-se avaliar e apontar a possibilidade de uso e aplicação da metodologia facetada, como instrumento de melhoria estrutural, no Dicionário de Favelas Marielle Franco – Wikifavelas.

4.3 Tesouros

De acordo com Campos (2001), a palavra thesaurus possui origem latina e tem por significado “tesouro”, comumente utilizada no sentido de designar “tesouro de termos ou palavras”. Em complemento, Currás (1995) traz à luz uma definição sobre tesouro necessária:

Tesouro é uma linguagem especializada, normalizada, pós-coordenada, usada com fins documentários, onde os elementos linguísticos que o compõem – termos, simples ou compostos – encontram-se relacionados entre si sintática e semanticamente (CURRÁS, 1995, p. 88).

O tesouro tem por objetivo oferecer assistência ao público que irá acessar o domínio informacional, de modo que o mesmo consiga ter sucesso na encontrabilidade do termo que foi representado na busca, ou seja, com um tesouro elaborado, a busca trará mais satisfação ao usuário por oferecer mais alternativas, possibilitando a descrição documental de uma forma melhorada (JESUS, p. 16).

Para Souto (2003), a aplicação do tesouro em um sistema informacional contribui positivamente para a diminuição de ruído na recuperação em uma base de dados. É através de uma estrutura hierárquica os assuntos são melhor compreendidos, mediante o estabelecimento de relações entre os termos e conceitos dentro de uma área de domínio.

Robredo (2005) classifica o tesouro como um instrumento que tem por objetivo o controle terminológico e que mediante a utilização das linguagens documentárias realiza-se a tradução da linguagem natural dos documentos, linguagem essa que é padronizada e estável.

Os tesouros podem corresponder a uma área específica do conhecimento ou multidisciplinar. Para Gomes (1990, p. 16) os tesouros são classificados em três tipologias, sendo elas: (I) monolíngues e multilíngues; (II) macrotesouros (a fim de representar conceitos mais amplos), os microtesouros (que representam conceitos mais específicos) e por fim, (III) multidisciplinares e de disciplinas específicas.

De acordo com Carlan (2010, p. 42) “os tesouros são estruturas consolidadas e padronizadas por Normas internacionais [...] que tratam da construção, formatação e manutenção de tesouros monolíngues e multilíngues”. De acordo com a Norma ANSI/NISO Z39.19:2005 algumas diretrizes são fundamentadas para a construção, formatação e gerenciamento dos vocabulários controlados. Sendo elas: a lista, o anel de sinônimos, as taxonomias e os tesouros.

O tesouro aborda o controle de ambiguidade, o controle de sinônimos, o relacionamento hierárquico e o relacionamento associativo. A partir dos conceitos abordados anteriormente e tendo como pressuposto de análise a Norma ANSI/NISO Z39.19.2005 Schiessl e Shintaku (2012) complementam de forma sintetizada algumas diretrizes que contemplam o tesouro:

[...] (I) Tesouro é uma ferramenta voltada para a organização e recuperação de informação. (II) Atende aos usuários: ao indexador que estabelece e define os termos e seus relacionamentos que representam documentos e ao consulente que busca informação auxiliado pela ferramenta. (III) É um tipo de vocabulário controlado expresso em linguagem documentária que formaliza os termos simples ou compostos e os relacionamentos entre eles. (IV) A estrutura dos tesouros permite a organização lógica e semântica de um domínio. (V) a mesma estrutura também permite que os significados dos termos sejam limitados de forma unívoca. (VI) Essa restrição aos significados dos termos visa neutralizar a sinonímia, a polissemia e outras características comuns à linguagem natural. (VII) Tesouro oferece uma representação da estrutura conceitual de um domínio do conhecimento. (SCHISSL; SHINTAKU, 2012, p. 92)

O tesouro, ainda que utilizado como um instrumento de eficiência, deve ter sempre à vista uma atualização dos contextos em que se é aplicado, conforme aponta Kobashi (2007, p.3), “as linguagens documentárias, embora úteis, são imperfeitas. Sua atualização permanente é sempre um desafio [...], é necessário encontrar formas de atualização e adaptação que sigam mais de perto a velocidade e a dinâmica da criação terminológica”. Reflexão essa, que direciona para a promoção da comunicação eficaz entre o especialista e o usuário que acessa a informação.

Na relação conceitual dessa discussão, sobretudo da linguagem documentária, do vocabulário controlado e dos tesouros, ter uma noção clara entre as diferenças dos signos “termo” e “palavra” julga-se necessária. Segundo Currás (1995) os tesouros possuem os termos como composição fundamental. De acordo com a NBR 12676 (ABNT, 1992) o conceito de um objeto é expresso através do termo de indexação, sendo apresentado como um símbolo de categorização ou um vocábulo de derivação da linguagem natural, preferencialmente de característica ou expressão nominal.

O termo preferido, em um conjunto de termos, é utilizado para representar uma denominação específica no processo de indexação, denominado descritor ou termo principal (CURRÁS, 1995). Enquanto que os termos não-preferidos, não-descritores, secundários ou equivalentes é estipulado como um termo que não possui atribuição ao documento em questão, mas tem a função de utilização justificada nas remissivas para direcionar o usuário no processo de busca do termo preferido (ABNT, 1992). Os autores Schiessl e Shintaku (2012) reforçam a definição sobre o conceito de termo:

Termo é uma palavra especializada, ou o conjunto delas, isto é, ele está inserido no contexto das línguas especializadas. As palavras, na língua natural. A palavra pode ter vários significados e o termo possui apenas um significado. Isso porque o termo se relaciona univocamente com o conceito especializado em uma área do conhecimento. A palavra não está restrita ao domínio, mas ao fenômeno da comunicação pela língua natural (SCHISSL; SHINTAKU, 2012, p. 97)

Diversas metodologias fundamentam procedimentos no quesito de coletar os termos para a construção de uma linguagem documentária, em especial os tesouros. A Norma documentária ISO 2788 (1986) traduz a compilação dos termos em duas visões, sendo:

[...] (I) Método Dedutivo: os termos são extraídos da literatura durante o estágio preliminar de indexação e analisados posteriormente, por uma comissão de indexadores e especialistas, para decidir quais termos representarão as classes com seus inter-relacionamentos lógicos. (II) Método Indutivo: a construção do tesouro por este método é considerada, desde o início, como uma operação contínua. À medida que novos termos são encontrados na literatura, são admitidos no tesouro e designados cada um como membro de uma ou mais classes, estabelecidas em bases ad-hoc durante a indexação. O auxílio do especialista é solicitado sempre que necessário sem compor uma comissão formal.

Entretanto, sobre os princípios de validação, de acordo com a Norma ANSI/NISO Z39.19:2005 uma alternativa de validação é a garantia literária e a garantia de usuário, Schiessl e Shintaku (2012, p. 99) ressaltam essa afirmativa:

Na garantia literária, a literatura determina o universo de termos que serão utilizados para representar o domínio pretendido. Isso significa que tal representação de assuntos está contida na literatura que conforma o domínio [...] é preciso ter em mente que a garantia literária e a garantia de usuário não são concorrentes, mas complementares e igualmente importantes. Elas permitem que sistema e usuário interajam e que essa interação se torne uma contínua retroalimentação do conhecimento que amplia os limites do domínio em uma espiral crescente.

A partir da coleta dos termos, estabelece então, a necessidade de um sistema conceitual para elencar as terminologias estabelecendo uma relação conceitual e estrutural. O sistema nocional tem por definição “um conjunto estruturado de noções que reflete as relações estabelecidas entre as noções que o compõem e no qual cada noção é determinada pela sua posição no sistema” (ISO 1087, apud CINTRA et al., 2002, p. 50). As relações entre os termos e os conceitos serão construídos mediante a existência de um campo conceitual (KOBASHI, 2007).

O tesouro, enquanto linguagem documentária, possui a característica de associar os termos de acordo com o estabelecimento do significado dado, objetivando que um termo se redirecione para outros (CURRÁS, 2005). As relações que fundamentam um tesouro, segundo Van der Laan (2002) são:

- 2 Relações conceituais: estabelecidas entre os conceitos representados pelos termos no tesouro, sendo subdivididas em relações hierárquicas e associativas.
- 3 Relações de equivalência: estabelecidas entre os termos que representam os conceitos em um tesouro, em que pode haver um termo preferido e outro(s) não preferido(s), que seria(m) seu(s) sinônimo(s) ouquase sinônimo(s).

O autor complementa que, nas relações conceituais, ocorrem as relações hierárquicas e as relações associativas, no que tange o primeiro conceito, baseiam-se em grau de equivalência entre os sujeitos, propondo uma associação de subordinação e superordenação.

Na abordagem relacional, que são utilizadas como base para a formação de redes semânticas, destacam-se duas, conforme pontua Schiessl e Shintaku (2012, p. 100):

Hiponímia: relação de inclusão entre os significados das palavras. Diz-se que um termo é hipônimo de outro quando possui as mesmas propriedades semânticas que este, acrescidas de características que lhes são específicas, por isso também são denominadas relação gênero-espécie. Meronímia: relação entre palavras que designam partes de um todo, por este motivo tal relação é também denominada todo-parte.

Há um termo superior, geral ou genérico, representado no tesauro com a sigla TG, enquanto que para os termos de menor significância no contexto estrutural, tem-se os termos específicos ou subordinados, apresentados no tesauro através das siglas TE. Ex.: ave (TG) – gavião (TE). Quanto às relações associativas, as relações entre os termos são estabelecidas por coordenação, encadeamento, causa e efeito ou subsequentes. Em nível horizontal, essas relações são apresentadas com os termos relacionados entre si. Nos tesauros, geralmente são representados pelas siglas TA (termo associado) ou TR (termo relacionado), representados mediante associações mentais coordenadas. Ex.: inseto – inseticida (TA) (VAN DER LANN, 2002).

Sobre as relações de equivalência, as mesmas são determinadas entre os termos que representam os conceitos alocados na estrutura de um tesauro, havendo termos preferidos ou não preferidos, apontados como sinônimos ou quase sinônimos. Nos tesauros, possuem a classificação representativa por USE e UP (usado por). Ex.: cachorro – USE cão. A terminologia age de forma a contribuir significativamente no estabelecimento das relações e de suas tipologias e caminha em consonância com os conceitos da polissemia, homonímia e sinonímia, fundamentais na construção dos tesauros (VAN DER LANN, 2002).

No sentido de demonstrar as representações de um modo mais completo, Austin e Dale (1993, p. 25), apresentam as abreviaturas utilizadas como prefixos dos termos, indicando assim, a sua relação ou função na estrutura de um tesauro:

[...] TG = Termo Genérico: o termo que se segue refere-se a um conceito com conotação mais ampla. TE = Termo Específico: o termo que se segue refere-se a um conceito com conotação mais específica. TR = Termo Relacionado: o termo que se segue, está associado, mas não é nem um sinônimo, nem um termo genérico ou termo específico. NE = Nota explicativa: uma nota que se junta a

um termo para indicar seu significado específico dentro de uma linguagem de indexação. TGM = Termo genérico maior: o termo que se segue é o nome da classe mais ampla, à qual pertence o conceito específico; usado também, às vezes, na seção alfabética de um tesouro. UP = Usado para: o termo que se segue é um sinônimo ou um quase sinônimo do termo preferido. USE = o termo que se segue é o termo preferido quando se deve escolher entre sinônimos ou quase-sinônimos.

Para os termos preferidos e não-preferidos, Austin e Dale (1993, p. 16-17) destacam:

[...] Os termos preferidos são impressos em maiúscula. Por exemplo: CARROS; ANIMAIS. Os termos não-preferidos são impressos com a letra inicial em maiúscula, exceto quando se referir a uma abreviatura ou sigla que se deva imprimir totalmente em maiúscula. Por exemplo: CARROS → UP: Automóveis. ANIMAIS → UP: Fauna. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE → UP: OMS

A organização e apresentação dos termos é dada através do processo de hierarquização, sendo assim, há casos em que poderão ser reunidos todos os termos que possuem associação a um determinado tema, em uma hierarquia, enquanto que outros termos podem necessitar da utilização de mais de uma única hierarquia. O processo citado anteriormente, relaciona-se à normalização e padronização das unidades de um tesouro, etapa essa que tem como pretensão atestar o controle de vocabulário e na circulação das informações (CERVANTES; 2003).

No mesmo enredo de conceitualizar uma forma adequada de apresentação, Cervantes (2003, p. 54) defende que utiliza-se “usualmente a apresentação sistemática acompanhada de apresentação alfabética [...] relacionando os termos conforme as categorias ou classes [...] na ordem alfabética cada descritor aparece com aqueles com os quais se encontra relacionado”. Qualquer que seja o formato de apresentação do tesouro, tem-se como regra evidenciar os relacionamentos entre os termos (TÁLAMO, [1997c], p. 8-13).

A visualização de uma estrutura de tesouro pode ser representada de diversos modos. Conforme mencionam Schiessl e Shintaku (2012, p. 101), “com o progresso da tecnologia da informação, muito se evoluiu no modo de apresentação, que vai de uma simples lista de termos até uma árvore hiperbólica”, demonstrando que o especialista que irá elaborar a estrutura pode recorrer aos mecanismos das Tecnologias da Informação.

5 COLETA DE DADOS

Esta seção apresenta o procedimento de coleta referente aos dados coletados do Dicionário de Favelas Marielle Franco, a Wikifavelas. Posterior à coleta, foi realizada uma análise avaliativa a fim de demonstrar como seria uma classificação conceitual e relacionada.

Os verbetes coletados foram extraídos através de 2 eixos temáticos, sendo eles: Associativismo e Memória e Estado e Mercado. Desses eixos temáticos, foram elencados um total de 5 verbetes, representando nas categorias temáticas: Associativismo e Movimentos Sociais; Mídia e Comunicação; Habitação e Segurança.

Para a apresentação da coleta no corpo do trabalho, foram elencados 5 verbetes, sendo eles: “memória”, “jornal”, “moradia”, “violência” e “movimentos sociais”. Os verbetes selecionados através das informações disponibilizadas no Dicionário de Favelas (Wikifavelas) foram estruturados em um modelo de ficha de pesquisa terminológica, atribuindo os conceitos teóricos de linguagem documentária. A escolha deu-se na ênfase encontrada nos significados e nos conceitos das palavras, relacionando a essência repassada na realidade da plataforma em questão.

Os verbetes se relacionam com outras variáveis, edificando os vínculos e contribuindo para uma maior disposição das informações elaboradas.

5.1 Fichas de pesquisa terminológica – Linguagem Documentária

Ficha de pesquisa terminológica – termo analisado: Memória

Termo (descriptor): História	
Contexto:	“Cada vez mais é possível notar na cidade do Rio de Janeiro ações que permitem identificar a manifestação da vontade de memória, da vontade de patrimônio e da vontade de museu de diferentes grupos sociais”.
Definição:	Reunião e estudo dos conhecimentos documentados ou transmitidos pela tradição, a respeito do desenvolvimento da humanidade, de uma arte ou ciência, de um período, povo, região, ou indivíduos específicos.
USE	
Usado para (UP)	Lideranças
Termo genérico (TG)	Conhecimentos documentados
Termo específico (TE)	Memória
Termo relacionado (TR)	Favela
Fonte (referência):	História - Disponível em: https://aulete.com.br/História Autor: Dicionário Caldas Aulete – Digital Memória - Disponível em: https://wikifavelas.com.br/Favela_tem_memória Autora: Palloma Menezes
Conhecimentos documentados TE História Favelas TR História História TG Conhecimentos documentados TE Memória UP Lideranças TR Favelas Memória USE História	
Responsável pela coleta: Thiago F. de Oliveira	Data: 19/02/2021
Observações: Eixo de análise: Associativismo e Memória. Categoria temática: Associativismo e Movimentos Sociais.	

Ficha de pesquisa terminológica – termo analisado: Jornal

Termo (descriptor): Comunicação	
Contexto:	“Marielle veio a ser a única candidata de favela eleita e o jornal A Voz da Favela foi o primeiro veículo de comunicação comunitária a realizar e publicar entrevista após o resultado das urnas”.
Definição:	Conceito, capacidade, processo e técnicas de transmitir e receber ideias, mensagens, com vistas à troca de informações, instruções etc.: A comunicação é um pré-requisito para a formação e consolidação de uma sociedade.
USE	
Usado para (UP)	Notícia (termo não preferido)
Termo genérico (TG)	Processo e técnica de transmitir e receber ideias
Termo específico (TE)	Jornal
Termo relacionado (TR)	Sociedade
Fonte (referência):	Comunicação – Disponível em: https://aulete.com.br/Comunicação Autor: Dicionário Caldas Aulete – Digital Jornal - Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Jornal_A_Voz_da_Favela Autor: Agência de Notícias das Favelas
<p>Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> TG Processo e técnica de transmitir e receber ideias TE Jornal TR Sociedade UP Notícia <p>Jornal</p> <ul style="list-style-type: none"> TG Comunicação <p>Notícia</p> <ul style="list-style-type: none"> USE Comunicação <p>Processo e técnica de transmitir e receber ideias</p> <ul style="list-style-type: none"> TE Comunicação <p>Sociedade</p> <ul style="list-style-type: none"> TR Comunicação 	
Responsável pela coleta: Thiago F. de Oliveira	Data: 19/02/2021
<p>Observações:</p> <p>Eixo de análise: Associativismo e Memória.</p> <p>Categoria temática: Mídia e Comunicação.</p>	

Ficha de pesquisa terminológica – termo analisado: Favela

Termo (descriptor): Favela	
Contexto:	“As moradias nas favelas constituíram-se em um processo marcado pelas desigualdades econômicas e sócio estruturais da sociedade brasileira”.
Definição:	Comunidade de habitações modestas, construídas principalmente nas encostas dos morros das áreas urbanas e geralmente desprovida de infraestrutura e urbanização.
USE	
Usado para (UP)	Morro
Termo genérico (TG)	Comunidade de habitações modestas
Termo específico (TE)	Moradia
Termo relacionado (TR)	Área urbana
Fonte (referência):	Favela - Disponível em: https://aulete.com.br/Favela Autor: Dicionário Caldas Aulete – Digital Moradia - Disponível em: https://wikifavelas.com.br/Moradia Autor: Bruno Coutinho de Souza Oliveira
Área urbana TR Favela Comunidade de habitações modestas TE favela Favelas TG Comunidade de habitações modestas TE Moradia TR Área urbana UP Morro Moradia TG Favela Morro USE Favela	
Responsável pela coleta: Thiago F. de Oliveira	Data: 19/02/2021
Observações: Eixo de análise: Estado e Mercado. Categoria temática: Habitação.	

Ficha de pesquisa terminológica – termo analisado: Estado

Termo (descriptor): Estado	
Contexto:	“O poder público abre mão da legalidade para a manutenção da ordem estabelecida e acirra a violência institucional”.
Definição:	Conjunto de instituições (governo, congresso, forças armadas, poder judiciário etc.) que administram uma nação: A máquina administrativa do Estado.
USE	
Usado para (UP)	Governo
Termo genérico (TG)	Instituições que administram uma nação
Termo específico (TE)	Violência
Termo relacionado (TR)	Política
Fonte (referência):	Estado– Disponível em: https://aulete.com.br/Estado Autor: Dicionário Caldas Aulete – Digital Violência - Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=UPP_%E2%80%93_a_redu%C3%A7%C3%A3o_da_favela_a_tr%C3%AAs_letras Autora: Marielle Franco (In Memoriam)
<p>Estado</p> <ul style="list-style-type: none"> TG Instituições que administram uma nação TE Violência TR Política UP Governo <p>Governo</p> <ul style="list-style-type: none"> USE Estado <p>Instituições que administram uma nação</p> <ul style="list-style-type: none"> TE Estado <p>Política</p> <ul style="list-style-type: none"> TR Estado <p>Violência</p> <ul style="list-style-type: none"> TG Estado 	
Responsável pela coleta: Thiago F. de Oliveira	Data: 19/02/2021
<p>Observações:</p> <p>Eixo de análise: Estado e Mercado.</p> <p>Categoria temática: Segurança.</p>	

Ficha de pesquisa terminológica – termo analisado: Associativismo

Termo (descriptor): Associativismo	
Contexto:	“As associações de moradores de favelas no Rio de Janeiro ocuparam um papel importante tanto no campo dos movimentos sociais, quanto no debate público sobre a cidade”.
Definição:	Movimento que visa unir pessoas ou instituições em sociedade (sindicatos, órgãos de classe etc.), para defesa de seus interesses comuns.
USE	
Usado para (UP)	Movimentos de Base
Termo genérico (TG)	União de pessoas ou instituições em sociedade
Termo específico (TE)	Movimentos sociais
Termo relacionado (TR)	Moradores
Fonte (referência):	<p>Associativismo – Disponível em: https://aulete.com.br/Associativismo Autor: Dicionário Caldas Aulete – Digital</p> <p>Movimentos sociais - Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Associação_de_moradores/movimentos_sociais Autor: Lia Rocha</p>
<p>Associativismo TG União de pessoas ou instituições em sociedade TE Movimentos sociais TR Moradores UP Movimentos de base</p> <p>Moradores TR Associativismo</p> <p>Movimentos de base USE Associativismo</p> <p>Movimentos sociais TG Associativismo</p> <p>União de pessoas ou instituições em sociedade TE Associativismo</p>	
Responsável pela coleta: Thiago F. de Oliveira	Data: 19/02/2021
<p>Observações: Eixo de análise: Associativismo e Memória. Categoria temática: Associativismo e Movimentos Sociais.</p>	

6 ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise de resultados, baseando-se nas discussões apresentadas na pesquisa, possui diversos aspectos relacionados às teorias do campo de atuação da Ciência da Informação. A efetivação de um ambiente informacional, seja qual for a sua espécie, de informação física ou digital, se dá mediante a aplicação metodológica das diversas teorias existentes.

A organização do conhecimento resulta em sua própria representação, se não há um senso de classificar o teor informacional, há grandes chances de o usuário não conseguir localizar aquilo que busca. Para isso, os sistemas de organização do conhecimento, dados por instrumentos semânticos, mapeiam os objetos informacionais os representando de uma forma adequada e consistente, assegurando a organização, o gerenciamento e a recuperação informacional.

A partir da elaboração de uma linguagem controlada, se alcança um controle e normalização de um conjunto informacional, estabelecendo como via final, aquela ou aquela que irá acessar o teor curado. Entretanto, o vocabulário controlado, atua diretamente na melhoria da descrição de um documento visando a precisão, também embasada na recuperação informacional.

Isto é, através de todas essas discussões anteriores, os modelos de sistematização conceitual necessitam dos métodos relacionados à ciência da informação para realizarem um plano de melhoria informacional. Pois, se uma realidade informacional não faz uso desses mecanismos, pode não entregar as informações de um modo estruturado.

Através das pontuações anteriores, considera-se importante abordar as análises referentes às coletas dos dados, que foram apresentados de forma estruturada. Porém, antes disso, é necessário compreender a realidade do Dicionário de Favelas Marielle Franco, a Wikifavelas, no que tange o seu modelo de apresentação, classificação e estruturação das informações constatadas no ambiente wiki.

Conforme será apresentado posteriormente na figura, a partir da classificação alfabética, identifica-se inicialmente que não há uma ordenação bem descrita, principalmente no aspecto visual, relacionando-se com a experiência do usuário ou usuária que acessa o Dicionário:

O sentido da coleta dos verbetes, está atribuído, ao consenso de melhor indexar os termos do Dicionário com outros existentes. Por exemplo: ao buscar pelo termo “Heliópolis” que está na categoria temática “Favelas e Periferias”, encontra-se apenas ele. Mas ao acessar outros campos do Dicionário em questão, como a categoria temática “Associativismo e Memória” e adiante na categoria temática “Mídia e Comunicação”, foi encontrado o verbete “Rádio Heliópolis FM”, que é uma Rádio Popular de uma favela da cidade de São Paulo.

Outro verbete buscado foi “O livreiro do Alemão (livro)”, uma obra bibliográfica lançada por um morador do Complexo do Alemão. O verbete está na categoria temática “cultura” e “livro”, porém, no Dicionário foi localizado o verbete “Complexo do Alemão”, que está na temática “favelas e periferias”. Apesar de ambos terem relação direta, não ocorreu um vínculo na indexação e direcionamento das informações.

Os desdobramentos apresentados nas fichas terminológicas, apresentam idealmente, como funcionaria um sistema de relacionamento conceitual minimamente eficiente. Mediante isso, indica-se um caminho de melhorias no ambiente do Dicionário, principiando os aspectos teóricos aqui discutidos e outros que amparam a ciência da informação em conjunto com a ciência da computação.

A organização do conhecimento cultural de uma sociedade, bem como a sua representação, na forma como é recuperada e difundida, enfatiza o sentido de que ela terá chance de sobreviver através das intempéries do tempo, chegando até as futuras gerações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa, constatou-se que havia uma precisão de atuação analítica por parte do profissional bibliotecário, mas esse diálogo se estende, o objeto de pesquisa trata-se de um ambiente digital, enfatizando que a atuação entre a ciência da informação e da computação podem e devem atuar mutuamente para a melhoria de sistemas de informação, sobretudo em tempos onde a informação tecnológica está cada vez mais latente e necessita de suportes. E que por isso, foi importante apresentar os conceitos iniciais que auxiliam o suporte.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral investigar e constatar a possibilidade de implementar um modelo de sistematização conceitual e terminológica, tendo como ferramentas a linguagem documentária e o vocabulário controlado como forma de alcançar um plano de relação entre os verbetes, para facilitar na recuperação da informação. Sendo assim, constata-se que o objetivo geral foi atendido, porque efetivamente o modo de relacionamento pode resultar em uma informação entregue de forma mais equivalente.

O objetivo específico inicial tinha como mérito realizar uma descrição sobre Dicionário de Favelas Marielle Franco – Wikifavelas e qual o tipo de ferramenta que a plataforma faz uso para elencar as informações das populações de favelas, trazendo fatos históricos e as constituições desses territórios, este objetivo específico deu-se como cumprido.

O segundo objetivo específico, tinha como pretensão abordar de modo teórico algumas perspectivas relacionadas à organização e representação do conhecimento, em consonância com as representações sociais, objetivo desenvolvido e atingido.

Quanto ao terceiro objetivo específico, foi ampliado o debate conceitual sobre os sistemas de organização do conhecimento e como eles se relacionam entre si, auxiliando um ao outro para potencializar a encontrabilidade informacional mediante metodologias e reflexões, por este motivo, este também foi aprovado no cumprimento da proposta. Por fim, o quarto e último objetivo específico, mediante a coleta dos dados, que foi realizado no ambiente da Wikifavelas, teve por pretensão mostrar um caminho de possível classificação, através de uma sistematização mais eficiente no relacionamento entre os verbetes e suas relações.

A pesquisa partiu da hipótese de que a melhor forma de estruturação das informações disponibilizadas em bases de dados digitais, tem por critério seguir os

conceitos de estruturação no âmbito da organização e representação do conhecimento.

Descobriu-se que a partir do uso de uma linguagem documentária e de um vocabulário controlado, as informações sendo elencadas de forma sistêmica, gerou impacto positivo para a realidade proposta. E através do desenvolvimento dos capítulos acerca dos assuntos e da apresentação nos resultados das discussões, comprovou-se que a classificação é o caminho da organização. Sendo assim, a hipótese foi confirmada, dando vazão para o problema da pesquisa também ter um fechamento positivo.

A metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ser abordado de uma forma mais generalista, detalhando os aspectos estruturais da plataforma de uma visão mais aprofundada, tendo a chance de explorar alguns mecanismos e propor outras formas de coletas ou experimentos de uso ativo.

Se houvesse mais verbetes coletados e avaliados através do método da pesquisa terminológica, resultaria em algo muito satisfatório, pois ver a informação relacionada a partir de um parâmetro de classificação facetada gera motivação para melhorar os aspectos de acesso e recuperação do objeto pretendido. Como complemento, recomenda-se um estudo baseado na possibilidade de elaborar um tesouro sobre as favelas, pois há muito conteúdo que explica a cultura marginal, periférica e favelada, resultando em um vocabulário extremamente rico, contribuindo para diversas áreas do saber e nos campos de pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. **Espaço & Debates**. V. 37, p. 34 – 46, 1994.

AGUIAR, F. O. **O controle de vocabulário controlado como dispositivo para a organização e tratamento da recuperação arquivística**. Dissertação de mestrado em ciência da informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 2008.

ALMEIDA, R. Q. Mecanismo de busca. **A revista da informação e tecnologia**. Campinas, n. 2, ago. 1998. Disponível em: <<http://www.revista.unicamp.br/infotec/internet/internet2-1.html>>.

ALVARES, L. (Org). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4, 2012. 248 p.

ALVARENGA, L. Representação do Conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaços digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, n. 15, p. 18-40, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2003v8n15p18/5233>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

ARAÚJO, C. A. V. Fundamentos teóricos da classificação 10.5007/1518-2924.2006v11n22p117. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. 22, p. 117-140, 2006. DOI: 10.5007/1518-2924.2006v11n22p117 Acesso em: 09 abr. 2021.

ANDERSON, J. D. Organization of knowledge. In: FEATHER, John; STURGES, Paul. **International Encyclopedia of Information and Library Science**. 2nd. Ed. London: Routledge. 2003. P. 471 – 490.

AULETE, D. C. Favela. In: AULETE, Dicionário Caldas. **Favela**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital Ltda., 2021. p.1. Disponível em: https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=creditos. Acesso em: 23 fev. 2021.

AUSTIN, D.; DALE, P. Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngues. Traduzido por Bianca Amaro de Melo; revisto por Lígia Maria Café de Miranda. Brasília: **IBICT/SENAI**, 1993.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR12676**: Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992. 4 p.

BARBOSA, A. P. Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica. Rio de Janeiro: **IBBD**, 1969.

BARBOSA, A. P. **Classificações facetadas**. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-81, 1972. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/10>>.

BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (org.). Educação, universidade e pesquisa. Marília: Unesp; São Paulo: Fapesp, 2001. P. 35 – 60.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BOCCATO, V. R. C.; RAMALHO.; R. A. S.; FUJITA, M. S. L. A contribuição dos tesouros na construção de ontologias como instrumento de organização e recuperação da informação em ambientes digitais. **Ibersid**. (2008) 199-209. ISSN 188-0967.

BORKO, H. Information science: what is? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan.1968.

BRÄSCHER, M. ; CARLAN, E. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, J. ; BRÄSCHER, M. (Orgs.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. P. 147-176. Brasília: Thesaurus, 2010.

BROUGHTON, V. **Essentials thesaurus construction**. London: Facet, 2006.

BROUGHTON, V. Facet analytical theory as a basis for a knowledge organization tool in a subject portal. In: **INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE**, 7., 10-13 July 2002, Granada, Spain. Proceedings of... Spain: Ergon Verlag, 2002. (Advances in Knowledge Organization, v. 8). p. 135-142.

BROUGHTON, V. et al. **Knowledge organization**. 2005. Disponível em:<http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/105851/1/knowledgeOrg_chapter%207.pdf>. Acesso em 27 fev. 2021.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. **A vida social da informação**. São Paulo: Makron, 2001.

BURGOS, M. B. F. Favela e luta pela cidade: esboço de um argumento. In: (ORG) SILVA, Jailson de Souza e. **O que é favela, afinal?.** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

CAMPOS, M. L. A. Linguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: **EdUFF**, 2001.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** ... Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <https://www.Capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 21 out. 2020.

CARLAN, E. **Sistemas de organização do conhecimento**: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. 195 f. 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CARMO, A. X. do. Sou Franco, Marielle Franco. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 216-219, 30 jun. 2018. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/redoc.2018.34318>.

CAVALCANTI, C. R. **Indexação e tesauro: metodologia e técnica**. Brasília: **ABDF**, 1978. 89 p.

CERVANTES, B. M. N. **Contribuição para a terminologia do processo de inteligência competitiva: estudo teórico e metodológico**. 2004. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília., Marília, 2004.

CERVANTES, B. M. N.; FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A. **Pesquisa terminológica para a elaboração de linguagem documentária**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CHIU, C. H.; HUANG, C. C.; CHANG, W. T. **Interaction Processes in Network Supported Collaborative Concept Mapping**. ACM SIGCSE Bulletin, Proceedings of the 4th annual SIGCSE/SIGCUE ITICSE conference on Innovation and technology in computer science education, jun. 1999 7/ Vol. 31 n. 3

CHRISTOFOLETTI, R. Credibilidade jornalística e reputação na blogosfera: mudanças entre dois mundos. In: **5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2007, Aracaju. Anais. SBPjor.

COLOMB, R. M. **Information spaces: the architecture of the cyberspace**. London: Springer, 2002.

CRUZ, H. D. **Os morros cariocas no novo regime: notas de reportagem**. Rio de Janeiro: S/E. 1941. 102 p. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/651/365>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CURRÁS, E. Ontologias, taxonomias e tesauros em teoria de sistemas e sistemática. Brasília: Thesaurus, 2010.

CURRÁS, E. Ontologías, taxonomías y tesauros: manual de construcción y uso. 3ª ed. Espanha: **Ediciones Trea**, S. L. 2005. 337 p.

CURRÁS, E. **Tesauros, linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995.

D'ANDREA, T. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Novos estudos. CEBRAP [online]. 2020, vol. 39, n. 1, pp. 19 – 36. Epub, jun 10, 2020. ISSN 1980-5403.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, v. 33, n. 4, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, I. **Teoria do conceito** . Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1680/1286>>. Acesso em: 22 out. 2021.

DAVANZO, L. **Vocabulário controlado para arquivos**: análise de viabilidade e propostas. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília 2016.

DENTON, W. **How to make a faceted classification and put it on the Web**. Nov. 2003. Disponível em: <<http://www.miskatonic.org/library/facetwebhowto.html>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

DOBEDEI, V. L. D. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária. Niterói, RJ : Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 120 p.

FONSECA, J.J.S. Metodologia da pesquisa científica. **Apostila**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONT, F.; SERRA, J.; SERRA, X. Folksonomy-based tag recommendation for collaborative tagging systems. **International Journal on Semantic Web and Information Systems**, v. 9, n. 2, p. 1-30, 2013.

FOSKETT, D. J.; BURY, S. Concept organization and universal classification system. In: DAHLBERG, Ingetraut; PERREAULT, J. M. (Orgs.). **INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION RESEARCH**, 4., 1982, Augsburg. Universal Classification: subject analysis and ordering systems. Proceedings... Frankfurt: Indeks Verlag, 1982. V.4, n.28.

FUCKS, H.; RAPOSO, A. B.; GEROSA, M. A. Do modelo de Colaboração 3C à Engenharia de Goupware, In Anais do Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web – Webmidi, 2003.

GARGANO, L.; FORNAZIN, M. Wikifavelas: uma ferramenta Colaborativa para organizações sociais. In: ANAIS PRINCIPAIS DO SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS COLABORATIVOS (SBSC), 1. , 2019, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, set. 2019. p. 74-79.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, H. E. **Manual de elaboração de tesouros monolíngues**. Brasília: o Programa, 1990. 78 p.

GOMES, M. R. A ferramenta wiki: uma experiência pedagógica. In: **ENDECOM** – Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação, 2006. ECA/USP, São Paulo.

GUINCHAT, C., MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994. 540 p.

GROLIER, E. Le systèm des science et l'evolution du savoir. In: WOJCIECHOWSKI,

J. A. (Ed.). OTTAWA CONFERENCE IN THE CONCEPTUAL BASIS OF THE CLASSIFICATION OF KNOWLEDGE, October 1-5 1971. Proceedings... **Pullach bei München: Dokumentation**, 1974.

HJØRLAND, B. Deliberate bias in knowledge organization. **Advances in Knowledge Organization**, v. 11, p. 256-261, 2008.

HODGE, G. **Systems of knowledge organization for digital libraries: beyond traditional authority files**. Washington: Council on Library and Information Resources, 2000.

INÁCIO FILHO, G. A monografia na universidade. Campinas: **Papirus**, 1995

INGWESEN, P.; WORMELL, I. Ranganathan in the perspective of advance information retrieval. *Libri*, v. 42, n. 3, p. 184-201, jul./set. 1992.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 1087-1**. Terminology work: Vocabulary: Part 1: theory and application. Geneve, 2000. 42 p.

ISO TR 14177/1994. **Classification of Information in the construction industry**. Swiss, 1994.

ISO 2788. **Guidelines to establishment and development of monolingual thesauri**. Genève : ISO, 1986.

JESUS, J. B. M. **Tesouro: um instrumento de representação de conhecimento em sistemas de recuperação da informação**. Recife, 2002. Disponível em: <http://66.102.1.104/scholar?q=cache:70n4fz_rul>.

JORENTE, M. J. V. **Cultura da Wikipédia como política de capacitação compartilhada em meio digital de socialização do conhecimento**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. Anais... Brasília: UNB, 2011. LARA, M. L. D. Linguagem documentária e terminologia. 2004. Disponível em <<https://www.brapci.ufpr.br>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KOBASHI, N. Y. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 8, n. 6, dex. 2007.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem: linguagem e sociedade, a construção interativa dos sentidos no texto, estratégias dos jogos de linguagem**. 4. ed. São Paulo: **Contexto**, 1998.

KWASNIK, B. H. The role of classification in knowledge representation and discovery. **Library Trends**, v. 48, n. 1, p. 22-47, 1999.

LA BARRE, K. The use of faceted analytico-synthetic theory as revealed in the practice of website construction and design. Ph.D thesis submitted to the School of Library and Information Science, **Indiana University**. 2006.

LANGRIDE, D. **Approach to classification: for students of librarianship.** London: Clive Bingley, 1973.

LARA, M. L. D. **Linguagem documentária e terminologia.** 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/>>. Acesso em 23 fev. 2021.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: 34, 1993. 203 p.

LÉVY, P. **Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação.** 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 2004.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações.** São Paulo: B4 Editores, 2012. 248 p. Capítulo 1, p. 21-48.

MARTINS, G. K; CÔRTEZ, G. R. A Representação da Informação e do Conhecimento e as Representações Sociais: intersecções e limites. In: ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. (Org.). **Organização e Representação da Informação e do Conhecimento: intersecções teórico – sociais.** João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 208 p. Capítulo 9, p. 159/182.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento.** São Paulo: Editorial Psy, 1995. 281 p;

MAZZOCCHI, F. Knowledge organization systems (KOS): an introductory critical account. **Knowledge Organization**, v. 45, n. 1, p. 54-78, 2018.

MICHAELIS, D. Favela. In: MICHAELIS, Dicionário. **Favela.** São Paulo: Melhoramentos Ltda., 2021. p. 1. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Favela/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, W. et al. **Vocabulário controlado para a representação documentária em arquivos correntes da UNESP.** Marília, 2015. p. 36. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/.../seminariodearquivologiaebiblioteconomia>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NARUKAWA, C. M. **Estudo de vocabulário controlado na indexação automática: aplicação no processo de indexação do sistema de indexación semi automática (SISA),** 2011. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos.../narukawa_cm_me_

mar.pdf.>. Acesso em: 22 fev. 2021.

NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. **ANSI-NISO Z39.19:** Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies. Bethesda, 2005. 184 p.

NIEMEYER, A. M. Favela: “iguais e desiguais”. **Revista de antropologia**, v. 22, p. 113-131, 1979.

NINJA, M. (ed.). **5 dos projetos de Marielle Franco são aprovados na câmara de vereadores do Rio**. Marielle Franco em manifestação ao direito à cidade. 2018. I, color. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/5-dos-7-projetos-de-marielle-franco-sao-aprovados-na-camara-de-vereadores>>. Acesso em 23 fev. 2021.

NORONHA, G. F.; MOREIRA, M. P. Análise Gramatical de Etiquetas em Sites Colaborativos: estudo de caso flickr. **Comunicação & Informação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 1-19, fev. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/download/55331/34535/>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

PEQUENO, L. R. B. **Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras:** transformações e tendências. Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales, n. 12, p. 31, 2008.

PINHEIRO, L. V. R.; FERREZ, H. D. **Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação**. 2014. Disponível em: <<http://www.ibict.com.br>>. Acesso: 27 fev. 2021.

PONTES, F. V.; LIMA, G. Â. B. O. A organização do conhecimento em ambientes digitais: aplicação da teoria da classificação facetada. **Perspect. ciênc. inf.** [online]. 2012, vol. 17, n. 4, p. 18-40.

PREECE, J. Supporting community and building social capital. **Communications of the ACM**, v. 45, n. 4, abr. 2002.

PRESCOTT, L. **Ranganathan and facet analysis**. Disponível em: <<http://www.mysticseaport.org/library/msitia/facets.html>>. Acesso em: fev. 2021.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos%5CR1916-1.pdf>>.

PRIMO, A.; BRAMBILLA, A. M. **Social Software e produção do conhecimento**. Disponível em: <<https://hd1.handle.net/1904/17782>>. Acesso em 10 ago. 2007.

PRIMO, A.; RECUERO, R. C. Hipertexto Cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. **Revista da FAMECOS**, n. 23, (publicação com paginação irregular), dez. 2003.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as origens da favela (the origins of the ‘favela’). **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 33 – 48, nov. 2011. ISSN 1984-2201.

Disponível em: <<https://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/651>>. Data de acesso: 16 jan. 2021.

QUINTELLA, H. M.; BOGADO, S.D.C. Análise bibliográfica e mapeamento da produção de um grupo de pesquisa sobre o uso competitivo da tecnologia de informação. **Engevista**, v.6, n.2, p. 36-47, 2004.

RAMALHO, L.; TSUNODA, D. F. A construção colaborativa do conhecimento a partir do uso de ferramentas wiki. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Anais...** Bahia: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--240.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ROBERT, J. M.; NOEL, S. **Empirical study on collaborative writing: What do co-authors do, use, and like?** Computer Supported Cooperative Work 13: p. 63 – 89. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004.

ROBREDO, J. **Documentação de hoje e de amanhã**. 4ª ed. rev. e ampl. Brasília: edição de autor, 2005, 409 p.

ROCHA, J. R.; DOMINGUES, G.; CERVANTES, B. N. **Estudos de metodologias para a construção de vocabulários controlados no âmbito da Ciência da Informação**, 2013.

ROCHA, L. de. M. A vida e as lutas de Marielle Franco. **Revista em Pauta**, [L.L], v. 16, n. 42, p. 274-280, 16 jan. 2019. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/rep.2018.39439>

SAGMACS. Aspectos humanos da favela carioca. **O Estado de São Paulo**, suplementos especiais, abril. 1960.

SARDANA, J. L. (Ed.). Libraries and information studies in retrospect and prospect: essays in honour of Prof. D. R. K. **New Delhi**: Concept Pub., 2002.

SCHIESSL, M; SHINTAKU, M. Sistemas de Organização do Conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4, 2012. p. 49-118.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. S. et al. (org.). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, M. F. da. **UPP – A redução da Favela a três letras**: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Administração, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Métodos de Pesquisa. In: SILVEIRA, D.T.; GERHARDT, T. E. (Org.). **Unidade 2 – a pesquisa científica**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p. Capítulo 2, p. 31-42.

SMIT, J.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. P. 9-23.

SOERGEL, Dagobert. The rise of ontologies or the reinvention of classification. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 50, n. 12, p. 119 – 1120, 1999. Disponível em: <<https://www.dsoergel.com/cv/B70.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SOUTO, L. F. Recuperação de informações em bases de dados: usos de tesouros. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 73-81, jan-abr. 2003.

SOUZA, R. R; ALVARENGA, L. **A web semântica e suas contribuições para a ciência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 1, p. 132-141, jan./abr. 2004. Disponível em: <<https://www.ibict.br/cienciadainformacao/view/article.php?id=71>>. Acesso em jan. 2021.

SPITERI, L. F. The structure and form of folksonomy tags: the road to the public library catalog. **Information technology and libraries**, v. 26, n. 3, p. 13-25, 2007.

STRAIOTO, A. C. **A análise em facetas como dimensão teórica e prática na organização do conhecimento**. 2001. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2001.

SZOSTAK, R; GNOLI, C.; LÓPEZ-HUERTAS, M. **Interdisciplinary knowledge organization**. Cham: Springer, 2016.

TÁLAMO, M. de F. G. M. Informação: organização e comunicação. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE INFORMAÇÃO, 1., 1997, Niterói. **Anais...** Niterói: EDUFF, 1997a. p. 11-14.

TERRA, et al. **Taxonomia: elemento fundamental para a Gestão do Conhecimento**. Disponível em: <www.terraforum.com.br> Acesso em: 01 mar. 2005.

TRISTÃO, A. M. D.; FACHIN, G. R. B.; ALARCON, O. E. **Sistemas de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento**. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?scrit=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200017&nrm=iso>. Acesso em 09 fev. 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLADARES, L. P. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 15, n. 44, p. 5 – 34, 2000.

VALLADARES, L. P. **A invenção da favela**: do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2005. 204 p.

VAN DER LAAN, R. H. Tesouro e terminologia: uma inter-relação lógica. Porto Alegre, 2002. **Tese** [Doutorado em Letras] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VICKERY, B. C. Faceted classification for the web. **Axiomathes**, v. 1, n. 18, p. 145 – 160, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2xwSNy5>>. Acesso em 23 jan. 2021.

VICTORINO, M. de C.; MEDEIROS, M. B. B. Modelagem da informação em sistemas de informação computadorizados para o reuso da informação nas organizações. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 10., 2009, João Pessoa. Comunicações Orais. João Pessoa, 2009. Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/handle/123456789/423>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

VIEIRA, M. F. V. Ambiente Wiki na educação: produção colaborativa do conhecimento compartilhado na web. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 1, n. 1, 2008.

VITAL, L. P.; CAFÉ, L. Ontologias e taxonomias: diferenças. **Perspectivas em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 115-130, abr./jun. 2011.

WEISS, L. C. **Análise da estrutura do vocabulário controlado descritores em ciências da saúde**, p. 9, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

WILSON, T. **A problemática da gestão do conhecimento**. In: TARAPANOFF, K. (Org.). Inteligência, informação e conhecimento. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p. 37 – 55.

WILSON, T. The nonsense of “knowledge management”. **Information Research**, v. 1, n. 1, Oct. 2002. Disponível em: <<https://information.net/ir/8-1/paper144.html>>. Acesso em 21 jan. 2021.

WIKIFAVELAS, D. F. M. F. **Apresentação dos tópicos principais da página**. Página inicial do Dicionário de Favelas Marielle Franco. 2020. II, color. Disponível em: <<https://wikifavelas.com.br/>>. Acesso em 17 nov. 2020.

WIKIFAVELAS, D. F. M. F. **Wikifavelas: organização e conceitos**. Eixos de análise e categorias temáticas do dicionário de favelas Marielle Franco. 2020 III, color. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/Wikifavelas:Organização_e_Conceitos>.

WYNAR, B. S. Introduction to cataloging and classification. 5th. Ed. **Colorado**: Libraries Unlimited, 1976.